

Um diálogo auto etnográfico psicossocial sobre Escrevivências e saúde mental de mulheres negras.

Maria Carolina Ferreira dos Santos

CAMPO GRANDE – MS

2025

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos para a para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jacy Corrêa Curado

Sumário

Resumo:	5
Introdução:	7
Capítulo 1: Diálogos entre Escrivência, gênero e Psicologia Social	12
1.1 Escrivência	12
1.2 Gênero e mulheres negras	17
1.3 Escrivência e Psicologia Social	20
Capítulo 2: Escrivência como estratégia coletiva de produção de saúde mental	23
2.1 Literatura negra e sofrimento psíquico.....	23
2.2 Tornar-se negra: (re)construindo identidades a partir da Escrivência	29
2.4 O fortalecimento psíquico a partir do diálogo entre Escrivência de mulheres negras e Psicologia Social	32
Capítulo 3: Identidades de mulheres negras a partir de Escrivências	34
3.1 Conceito de identidade.....	34
3.2 Racializando a identidade: Branqueamento e tentativa de apagamento identitário.	36
3.3 A identidade da mulher negra na literatura de Conceição Evaristo	38
Capítulo 4: Caminhos da pesquisa	40
4.1 A auto etnografia como ferramenta metodológica.....	46

Capítulo 5: Escrevendo	51
5.1 Gerando recomeços a partir da escrita	51
5.2 Meu avô é analfabeto e eu sou escritora, eu sou os sonhos dos meus ancestrais....	55
5.3 “A voz da periferia” diálogo com Sérgio Vaz no Festival da Juventude na UFMS.....	59
5.4 Vestindo ancestralidade e costurando elos: quilombamento e poesia na comunidade	Tia Eva
.....	63
5.5 Uma mulher negra apaixonada por outra	72
Considerações finais	72
Referências:	76

Resumo: Essa dissertação de mestrado é fruto de um posicionamento político que defende que a questão racial e as narrativas de mulheres negras devem ser inseridas na Psicologia Social como forma de produção de conhecimento e saúde mental. Assim, além de contribuir para uma Psicologia antirracista, também é pensado em como a saúde mental de mulheres negras pode ser fortalecida a partir do ato de escrever. O interesse pela interlocução entre literatura, negritude e a ciência Psicológica se dá pela trajetória da pesquisadora: mulher negra, bissexual e escritora, que participa na militância do movimento negro, leitora assídua da literatura afro brasileira e poeta. Diante disso, ancorados em uma ótica interseccional, nos debruçamos no conceito de Escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo para compreender as experiências de mulheres negras no Brasil. É, então, uma escrita engendrada, racializada e política. Para o delineamento da pesquisa, foi utilizado a abordagem da Psicologia Social construcionista como repertório teórico metodológico, visto que promove uma visão crítica sobre a produção de conhecimento, é anti universalista, aposta na linguagem como forma de criar realidades e compreende os fenômenos humanos e sociais como resultado da cultura. A presente dissertação é também, um relato auto etnográfico; a auto etnografia é um método muito utilizado nas Ciências Humanas, em que considera as experiências da pessoa pesquisadora como ferramenta de produção de conhecimento e produto social. Como objetivo geral da pesquisa temos : 1) Analisar se a Escrevivência pode ser um fator de produção de saúde mental para mulheres negras, e como objetivos específicos : 2) Discorrer sobre a literatura feminina negra a partir de uma ótica psicossocial, 3) Contribuir com novas formas de pensar a produção de conhecimento e saúde mental e 4) Levantar o questionamento epistemológico e construir para a construção de uma Psicologia antirracista. Na exposição das várias potencialidades da Escrevivência, reconhecemos a influência dos elementos africanos na linguagem e na forma de construção de vida, por meio do Pretuguês de Lélia Gonzales, a filosofia do Ubuntu e sankofa, que reconhece a importância da coletividade para a vivência negra, e a necessidade de olhar para o passado como pista para construção de futuro, enfatizando assim a importância do aquilombar a partir de um relato autoetnográfico.

Palavras chave: mulheres negras, escrevivência, questões raciais, construcionismo social.

1. Introdução

Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. (Evaristo, 2003. p. 127).

A escolha pelo objeto de pesquisa é resultante de uma série de vivências e questionamentos, inquietações e reflexões que me mobilizam como psicóloga, escritora e pesquisadora negra, sendo uma iniciativa movida pelo afeto e a motivação de contribuir para uma Psicologia Antirracista que considere outras formas de produção de saberes e saúde mental.

Para mim, a escrita é uma ferramenta crucial, escrevo para denunciar violências, furar o silenciamento, gritar as angústias, reconstruir histórias, honrar as memórias e me vingar do racismo. Tal como Conceição Evaristo, acredito que “escrever seja uma sangria desatada”, por isso, deixo meu coração descer pelos dedos enquanto um transbordar da minha subjetividade. Entre as dores e os amores, sigo tecendo com as palavras, narrativas em meio a negras maneiras de (re)existir.

Outrossim, desde que me inseri na academia, carrego o incômodo constante de perceber a grade curricular enquanto um instrumento que geralmente perpetua e prioriza a lógica eurocêntrica na produção de ciência. Portanto, se faz urgente a necessidade da descolonização das Epistemologias, de forma a conhecer, legitimar e se embasar na diversidade de produção de saberes. Ainda assim, é válido ressaltar que há uma resistência epistemológica, principalmente da Psicologia Social, que abarca a maioria das pesquisas brasileiras, sendo um grande marco da Psicologia social crítica: os estudos sobre branquitude.

No livro *a Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, Munanga (2021) acentua que a Psicologia brasileira tem muito a auxiliar na construção de conhecimento sobre racismo e suas implicações no psiquismo dos sujeitos vítimas e discriminadores.

A composição social do Brasil se dá a partir da colonialidade e a hierarquização embasadas em gênero, raça e classe, atribuindo como inferiores as pessoas que se diferenciam do ideal de superioridade. Com isso, os modos de existência e conhecimento

de pessoas negras são frequentemente invisibilizados e deslegitimados epistemologicamente (Silva e Carrieri, 2022)

Diante disso, se torna urgente a crítica ao modelo de ciência que se mantém em um modelo euro-referenciado, que se apresenta como neutra, racional, objetiva e universal. Aqui há o questionamento dessas epistemologias como referência civilizatória, interrogando, desconstruindo a forma padrão de construção de ciência. Compreendemos como crucial, trazer então, a epistemologia de mulheres negras, que se rebelaram aos paradigmas hierárquicos de poder, haja vista que a sociedade e a ciência é hostil às mulheres negras (Bispo, 2021)

Nesse repertório de resistência epistemológica, Virgínia Bicudo foi a primeira pessoa que abordou a questão racial em uma dissertação nas Ciências Sociais. Ancorada nos pressupostos da Sociologia e da Psicanálise, propôs uma análise que uniu raça e classe e as possíveis influências no psiquismo de pessoas negras. Em sua dissertação de mestrado intitulada “Estudos raciais de pretos e mulatos” (1945) discorre sobre como o preconceito racial pode se intensificar e/ou tomar outras proporções de acordo com a ascensão social ou não da pessoa negra.

Bicudo (1945) pontua que tanto o sujeito negro inserido nas camadas populares quanto aquele que ascende socialmente, tem como denominador comum a manifestação do racismo, a diferença é a medida que se tem a pele mais clara, há a tentativa de fugir dos efeitos da discriminação racial, apoiando-se na negação da sua cor e traços. Diferentemente, de como ocorre quando se tem uma pele mais retinta, e consegue ocupar espaços considerados de maior ascensão, por exemplo. Nesses casos, à medida que se acessa espaços de poder, frequentemente embranquecidos, o racismo pode ser mais recorrente e intenso, propiciando que como mecanismo de defesa, o sujeito negro tenda a se colocar numa posição de subalternidade ao branco, a fim de evitar conflitos.

Por isso, é necessário cada vez mais pensar em epistemologias que caiba nossas experiências, discursos e teorias que simboliza realidades históricas, sociais e emocionais. Assim como Kilomba (2019) demandando uma epistemologia que englobe o pessoal como parte da argumentação acadêmica. Portanto, pesquisadoras negras ao desafiar o academicismo eurocêntrico a medida que corporificam a pesquisa por meio do lugar de fala e de escrita, corrobora para a construção de um novo discurso através de uma nova linguagem.

Chimamanda Adichie (2019) pontua em seu livro “O perigo de uma história única”, que quando criança, a literatura que tinha acesso só protagonizava pessoas

brancas, e apesar de se tratar de uma realidade totalmente diferente da dela, era o que consumia e usava como parâmetro para suas escritas. Enquanto uma mulher negra nigeriana, quando se tornou adulta e mudou para os Estados Unidos, percebeu que atribuíam a ela os estereótipos de pobreza e violência que de forma estereotipada e preconceituosa utilizavam para definir o continente africano e as pessoas que de lá vieram.

Sendo no imaginário social, atribuído à uma mulher nigeriana a crença de que obrigatoriamente se teve uma vida de violência e escassez, como se não houvesse outra possibilidade, aponta a ideia de que há uma história única de catástrofe. Mas como salienta a autora, ainda que tenha vivido narrativas árduas, não quer ser reduzida a elas. “Todas essas histórias me fazem quem eu sou. Mas insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram.” (Adichie, 2019, p.13)

No anseio de construir outras narrativas para além de uma história única, busca-se construir uma pesquisa pautada em *Escrevivências*, compreendendo a escrita como um resgate histórico cultural. Com um repertório teórico pautado nos ensinamentos de intelectuais negras, a pesquisa acontece em parceria com a auto etnografia da pesquisadora, que inserida no cenário da arte, se percebe construído com as palavras uma poética que é coletiva e política.

Evaristo (1995) em sua dissertação de mestrado, faz um paralelo entre escrever, viver, e escrever-se vendo, até que em 2005 em um seminário sobre mulher e literatura, que participou no Rio de Janeiro em 2005 usou noção de “*Escrevivência*” pela primeira vez, conta a autora em uma entrevista para a revista PUCRS. Para ela, na *Escrevivência* se torna possível e necessário narrar suas experiências, recriar histórias e resgatar memórias, permitindo um paralelo entre o pessoal e coletivo.

Assim, por meio de tal configuração de escrita, há uma potente ferramenta para sair da invisibilidade, se auto afirmar enquanto sujeito e denunciar as injustiças. “[...] a nossa *Escrevivência* [escrita das mulheres negras] não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.” (Evaristo, 2007, p. 21). Para a autora, em tudo que a literatura a permite fazer, está a traçar uma *Escrevivência*, portanto, tudo que escreve está atravessado pela experiência de ser uma mulher negra na sociedade brasileira.

A partir desse termo, Evaristo usa da sua escrita como uma forma de compartilhar a multiplicidade de ser um corpo negro no Brasil, criando e recriando narrativas que apesar de estarem em primeira pessoa, representam experiências coletivas.

Em uma entrevista para a Carta Capital, Conceição Evaristo (2017) debate sobre a quebra de silêncio para mulheres negras e o quanto isso se torna um movimento de reação e resistência, como pode ser percebido na fala: “eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara...”.

Anastácia, mulher negra escravizada que tem sua imagem disseminada socialmente a partir de uma máscara de tortura colocada em sua boca, que a impedia de comer e falar, simboliza sobre o impedimento da fala, e conseqüentemente, da expressão e existência de mulheres negras. Grada Kilomba, em seu livro “Memórias de plantação” (2019) disserta sobre a máscara do silenciamento usada por Anastácia ser um artefato colonial que busca dominar sujeitos e controlar a reação do oprimido frente ao opressor.

Kilomba (2019) se questiona sobre quem pode falar e o que acontece quando essas pessoas falam. Simbolicamente, o racismo continua inserindo máscaras simbólicas em nossas bocas. Essa reflexão me faz questionar como mulheres negras podem se expressar, e o que é permitido ser externalizado por esse público.

Como dito anteriormente, Evaristo usou o termo *Escrevivência* pela primeira vez em sua dissertação de mestrado, ao discorrer sobre a necessidade de que as vivências de mulheres negras estejam dentro da academia. Isso posto, como nos lembra (Felisberto, 2020) ao atrelar o conhecimento acadêmico com sua produção vivencial, uniu a cena literária e intelectual, que é interseccional e traz para a ciência o movimento de pertencimento de mulheres negras.

Comprometida com a descolonização do conhecimento científico, assim como Silva e Carrieri (2022) nessa pesquisa, assumimos as *escrevivências* como forma de produção de conhecimento, compreendendo que a construção de saberes não se desloca do corpo, corpo este que está inserido em determinado lugar social. Com isso, desmistifica-se a crença de uma forma universalista e neutra de pensamento, comportando as influências sócio-histórias que compõe a produção de saber.

Segundo Bisco (2021) propor um método de análise a partir da *Escrevivência* e o *aquilombamento*, é uma estratégia de afrocentricidade. Felisberto (2020) reitera que Conceição Evaristo incomoda a medida que faz de sua literatura um modo de disseminar

narrativas negras, instigando a redação de outras escrituras e consequentemente, atuando na entrada dessas narrativas não hegemônicas dentro da academia brasileira.

De acordo com Soares e Machado (2017), para Evaristo a Escrivência é um método de investigação e produção de conhecimento em que há um posicionamento direto do autor, sendo que nesse tipo de escrita, a experiência de quem escreve é essencial na construção de narrativas, principalmente em relação às experiências coletivas de mulheres negras.

Diante do exposto, a Escrivência é entendida como uma ferramenta que traz contribuições a níveis subjetivos e coletivos, se fazendo como um movimento emancipatório e de resistência epistemológica. Trazer essa ferramenta para o campo da pesquisa qualitativa e da Psicologia Social, é uma tentativa de expandir a discussão frente às formas de conhecimento que são utilizadas dentro e fora da academia, permitindo que novas configurações de saberes sejam atribuídas a ciência.

Assim como o poeta Sérgio Vaz, concordo que a Literatura precisa descer do pedestal e beijar o pé da comunidade, parto da mesma premissa para a minha pesquisa. Acredito na escrita afro brasileira como um movimento que (re)constrói narrativas, contempla sujeitos colocados a margem e aposta na coletividade como movimento revolucionário, transitando entre favelas, quilombos e universidades.

Não poderia deixar de mencionar que houve a necessidade de reformular os caminhos da pesquisa, decorrente aos posicionamentos do Comitê de Ética da UFMS, que a cada novo parecer exigia novas correções não pontuadas anteriormente, fator que inviabilizou a realização de entrevistas com mulheres negras escritoras, como pensado a priori. Por conta do tempo curto para realização das entrevistas e análises do material, juntamente ao retorno do comitê, a pesquisadora e orientadora optaram por interromper o processo e alterar a proposta inicial dado as dificuldades impostas pelo comitê para a realização de entrevistas com escritoras negras.

Diante disso, torna-se válido o questionamento de como os trabalhos de cunho racial têm sido recebidos nos espaços acadêmicos, exigindo resistência de quem pesquisa. Portanto, esse trabalho “se move e comove em múltiplas direções; encruzilhadas . Há uma aposta na aliança: formação de comunidade” (Carvalho e Júnior, 2023).

Com a compreensão das Escrivências como uma escrita que, em alguma medida, é também coletiva, referencio o Pretuguês de Lélia Gonzalez ao reconhecer influências da linguagem africana na tessitura dessa escrita racializada. Compreendendo , também, que minhas Escrivências são decorrentes do meu movimento de

aquilombamento, que atrelado a ótica da filosofia do Ubuntu, enfatizo que “eu sou porque nós somos”. Pela ótica do Ubuntu, uma pessoa se constitui por meio da relação com outras. Tornar-se pessoa é, portanto, uma ação adquirida, dinâmica e relacional. (Dju e Muraro, 2022)

Assim como Anielle Franco (2021) disse em sua dissertação de mestrado, parto do desejo de contribuir para fortalecer politicamente, emocionalmente, psicologicamente e academicamente mulheres negras que se identifiquem ou se sintam representadas com as minhas escrevivências, a fim de encorajá-las a compartilhar suas vozes e experiências, promovendo um ciclo de inspiração e fortalecimento entre gerações. E assim, contribuindo positivamente para o cuidado em saúde mental, fortalecimento identitário, sentimento de pertencimento e enfrentamento ao racismo.

A presente dissertação foi dividida em cinco capítulos, no capítulo 1 que traz como título “ Diálogos entre Escrevivência, Gênero e Saúde Mental” há a introdução conceito de Escrevivência, desenvolvido por Conceição Evaristo, como uma forma de narrar experiências pessoais e coletivas das mulheres negras. Discute as interseções entre gênero e raça, abordando os desafios enfrentados por mulheres negras na sociedade e seus impactos na saúde mental. Além disso, analisa como a escrevivência se relaciona com a Psicologia Social.

No Capítulo 2: “Escrevivência como Estratégia Coletiva de Produção de Saúde Mental” a literatura negra é apresentada como uma ferramenta para lidar com o sofrimento psíquico, permitindo a reconstrução de identidades por meio da escrevivência. O capítulo discute como a escrita pode promover o fortalecimento psíquico por meio do diálogo entre a escrevivência e a Psicologia Social.

No Capítulo 3: “Identidades de Mulheres Negras a Partir de Escrevivências” o capítulo final discute o conceito de identidade e as tentativas de apagamento histórico da identidade negra por meio do branqueamento. A literatura de Conceição Evaristo é analisada como um espaço de valorização da identidade da mulher negra, destacando a escrevivência como ferramenta de resistência e afirmação identitária.

No capítulo 4: “Caminhos da Pesquisa”, o capítulo detalha a metodologia da pesquisa, destacando a auto etnografia como ferramenta importante para a análise das experiências pessoais e coletivas. Explorando como a escrita pode ser um instrumento de ressignificação e reconstrução da história, conectando passado e presente.

No capítulo 5: “Escrevivendo”, são apresentadas narrativas e experiências vividas, conectadas à escrevivência. O diálogo com Sérgio Vaz no Festival da Juventude reforça a

importância da arte periférica. Além disso, há uma reflexão sobre ancestralidade e resistência em comunidades quilombolas, bem como relatos de vivências afetivas que desafiam estereótipos e reafirmam identidades.

Ao utilizar a auto etnografia é uma abordagem metodológica que une as experiências pessoais da pesquisadora com um diálogo sociocultural. Assim, a partir dessa ferramenta pude me colocar como sujeito ativo na construção do conhecimento, valorizando minha experiência como mulher negra. Este método questiona a falsa ideia de neutralidade na ciência e legítima história de mulheres negras, historicamente marginalizadas.

Capítulo 1. Diálogos entre Escrivivência, gênero e Psicologia Social

1.1 Escrivivência

“Em síntese quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta.” (Evaristo, 2009, p.18)

Ao falar sobre a etimologia do conceito de Escrivivência, Evaristo (1995) discorre que está enraizado na imagem da Mãe Preta, que em situação de escravizada era obrigada a se prostrar diante das imposições dos da casa grande, que dentre as várias obrigações, tinha que cuidar dos filhos dos colonizadores. Suas palavras eram controladas e a fala direcionada à recreação de crianças brancas, na contação de histórias para os fazer adormecer.

Diante disso, a Escrivivência surge como uma escrita que visa reagir ao controle de corpos e vozes de mulheres negras, a fim de dar outro direcionamento para o que no passado foi responsável pela captura da fala. Se em um momento anterior a potência da comunicação de mulheres negras foi impedida, a partir do que é colocado na semântica desse termo, mulheres negras criam a oportunidade de recuperar a própria voz. "A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos" (Evaristo, 2007, p. 21).

As escrevivências constroem uma escrita que é posicionada, confronta a branquitude, e é comprometida em expor o que atravessa a população negra. Em seus livros, Evaristo traz o protagonismo de mulheres negras, fazendo a intersecção de gênero e raça com classe. Como pontuado por Ferrari e Mathias (2022) o diferencial da escrita de Conceição Evaristo está na intencionalidade, que a partir da intenção de trazer para a literatura narrativas que perpassam as experiências de mulheres negras, possibilita com que a literatura seja uma estratégia de resistência, haja vista que possibilita a criação de um novo discurso, resgatando vozes silenciadas na trama social.

Para Evaristo (2020), a escrita é um exercício constante de tentar enxergar poesia nos acontecimentos, firmando o compromisso de humanizar pessoas negras, em que a partir da sensibilidade no olhar, e escuta atenta, faz com que sua escrita reflita as poéticas do cotidiano. Como apontado em seu livro *Becos da Memória* (2006) todas as histórias, mesmo as reais, são inventadas. A escritora afirma não ter receio em criar ficções, e ainda que o faça, não estão deslocadas do contexto ou de possíveis experiências de demais pessoas negras, por isso, nessas ficções da memória, cria histórias que con(funde) ficção e realidade.

Evaristo (2021) aponta que não nasceu rodeada de livros, e sim de palavras, por isso acredita que sua escrita é decorrente das oportunidades de escuta que teve, crê que por meio da contação de história e criatividade de sua mãe, viu nos movimentos da matriarca o incentivo a se debruçar na escrita. A partir do que é pontuado pela escritora, percebe-se que a família e a comunidade são elementos cruciais contribuintes em seu movimento de escrever a vida.

Para Barrossi (2017) dentre as diversas formas que a Escrevivência pode ser encarada, além de carregar a poesia em si, também pode se caracterizar como um compromisso ético político, que se torna po(ética), já que questiona a história colocada como oficial, e faz uso da memória e experiências para reescrever histórias invisibilizadas, se manifestando então como uma instância ética, pois por meio da inscrição de si no texto, possibilita a criação de novas perspectivas sobre os acontecimentos, resultando em outras maneiras de existir.

Como pontuado por Grosfoguel (2009) o movimento de resistência dos subalternos frente ao conhecimento eurocêntrico como possibilidade única de produção de saber, propicia uma crítica ao conhecimento hegemônico. A Escrevivência é uma forma de produção de conhecimento que combate a lógica de supremacia branca,

tornando - se uma ferramenta emancipatória que permite que mulheres negras se tornem protagonistas de histórias silenciadas.

Por conseguinte, a Escrivência se mostra uma importante ferramenta de auto suporte, assim como, um mecanismo que evoca a coletividade negra e proporciona uma nova forma de pensar as epistemologias, como sinaliza a criadora do conceito:

Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no seu corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005).

É possível perceber que sua escrita é entendida e realizada como um campo de potencialidades, não somente como descrição da realidade, mas como ferramenta ativa. Tendo como profissão ser catadora de material reciclável, a escritora recicla a vida a partir de suas palavras, recriando possibilidades em meio às impossibilidades, narrando as disparidades, dando respostas a negligências, conflitos e revidando a dor. Ainda que frequentemente não tivesse alimentos para comer, a barbárie constantemente lhe era enfiada goela abaixo, e com isso, para além da falta do alimento que não chegava a sua mesa, cultivava a fome de justiça.

Carolina Maria de Jesus tinha no movimento de escrever, uma forma de construir possibilidades de aproximação entre “o mundo da vida e o mundo da escrita”. Por conseguinte, o ato de escrever vai para além de um mero comportamento, é uma ação que elabora sua inscrição no mundo. Para além de um grito de socorro, escrever era tomar consciência de sua existência e buscar ferramentas para recriar seu cotidiano, olhar para seu passado, presente, e pensar em alternativas para o futuro. Escrever era encarar sua realidade doída, revivê-la constantemente, criar ferramentas de enfrentamento que possibilitasse dar outros direcionamentos para o que se vivia. (Gonçalves, 2014)

Várias podem ser as motivações que levam mulheres negras a escrever, promovendo a multiplicidade de interpretações acerca do papel e lugar que a escrita ocupa na vida dessas mulheres. Imersa na diversidade de possibilidades que podem fazer com que mulheres recorram à escrita, Anzaldúa (2000) salienta o questionamento:

Por que sou levada a escrever?

Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não

me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. [...] Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever
(Anzaldúa, p.232, 2000)

Abdias do Nascimento (1980) pontua que os quilombos representam comunhão existencial, é um sistema de organização sócio política, que por meio da articulação comunitária, resiste ao projeto de genocídio e epistemicídio negro. Souto (2020) ao discorrer sobre a discussão levantada por Beatriz Nascimento, salienta que a partir do entendimento dos quilombos como uma tecnologia ancestral que possibilitou a sobrevivência da cultura e identidades negras, aquilombar-se pode ser entendido como um movimento que perpetua essa resistência e resgate cultural da negritude. As artes por sua vez, tem se mostrado como uma alternativa possível de realizar esse agenciamento político e cultural.

A escrita proporciona um posicionamento de voltar-se para si, a mesma medida que interage com o passado, constrói narrativas no presente e pro futuro. Nesse movimento simbólico de se apropriar da história do coletivo negro, as Escrivências atuam de forma a materializar as vivências e memórias, documentando a existência da população negra, com isso, não permitindo o apagamento da história. Aquilombar-se nas palavras é criar um espaço físico e simbólico de diálogos consigo e com o outro por meio da negritude.

Para Prates, Guareschi e Reis (2021) a poesia negra permite o emergir da tradição oral. Contar histórias se caracteriza como um movimento que resulta do conhecimento localizado a partir da ancestralidade, e com isso, é possível usá-las para se inscrever no mundo. Beatriz Nascimento (2021) aponta a importância da oralidade e da memória para a construção do entendimento da história. Com o objetivo de conhecer os quilombos, devido a ausência de documentos Beatriz recorreu a oralidade e a memória dos povos para a compreensão dessa organização política. Por conseguinte, além de ser feita a partir de mãos negras, a história é feita a partir de vozes e escritas negras.

Como apontado por Tedeshi (2016) o campo da literatura é um lugar de legitimação e domínio. E com isso, o cenário da escrita, ao ser ocupado por homens, expõe a forma de organização social, que sendo um âmbito machista, permitia que a escrita destes fosse carregada de superioridade e corroborasse para a assimetria do poder.

Portanto, o saber estando relacionados ao poder, também se faz como uma forma de dominação e exclusão de vozes, como a linha do tempo aponta ter acontecido com mulheres. Desde os primórdios a escrita está relacionada ao poder, nas civilizações antigas somente os escribas tinham acesso a escrita, e com esse acesso restrito a elite, somente uma parcela específica da população poderia decidir sobre o que seria registrado, de que forma e por quem. (Baquero, 2012)

Nascimento (1980) discorre que a imagem da negritude feminina na literatura era retratada a partir de uma série de estereótipos racistas e sexistas, animalizando-as e as hiper sexualizando, corroborando para a construção da representação negativa de mulheres negras. Com isso, a mulata enquanto consequência da miscigenação imposta, era resultado da “prostituição sistemática da raça negra”, que a partir do controle do corpo e da sexualidade da mulher negra, as colocava como vulneráveis as violências designadas pela branquitude.

“Estes são crimes que jamais se apagarão da memória dos afro-brasileiros. Sabemos que erradicar a memória, suprimir a lembrança da história do negro africano e seus descendentes, tem sido uma constante preocupação da elite que dirige o país. Mas os negros sabem que sem história, sem passado, não poderá existir um futuro para eles. Futuro que o negro terá que construir desde os escombros da desgraça que pesa sobre sua cabeça. Suprimir a lembrança é um escapismo fácil, no perdão e no esquecimento [...]” (Nascimento, 1980, p.242)

Diante disso, como destacada por Silva e Farias (2021) a literatura de autoria negra possibilita uma leitura crítica da sociedade, enfatizando as desigualdades sociais, interseccionando as opressões de gênero, raça e classe e possibilitando o letramento racial, em que permite que mulheres negras, ao lerem histórias de suas semelhantes, possam se sentir representadas e construir consciência racial, reforçando a importância de iniciativas de cunho anti racistas. Atribuir conotação positiva da palavra negritude, foi uma estratégia, revolução presente na linguagem e na literatura, (Domingues, 2005)

É válido ressaltar que a literatura negra não se sustenta apenas nas origens éticas da pessoa escritora, e sim, está atrelada a forma como experiência a condição de ser uma pessoa negra. Diz respeito ao empenho da escritora em construir um fazer literário que dialogue com as vivências negras, relatando a partir de sua subjetividade, narrativas que demarcam espaço com a sua presença, em uma fala afirmativa de quem se inscreve no texto. (Evaristo, 2010)

Britto (2010) salienta que desde os primórdios, as mulheres encaram trajetórias de repressão evidente desigualdade assimétrica entre escritores e escritoras, em um movimento de resistência, as mulheres têm se dedicado a protagonizarem a literatura e a

cena intelectual. Rocha (2020) reforça que a escrita de mulheres negras é uma forma de deslegitimar e denunciar a narração do colonizador, haja vista que é carregada de história de resistência, na qual se desloca como uma ferramenta de lutar contra a opressão.

No que diz respeito às mulheres negras, fatores como gênero e raça vão implicar a maneira como se relacionam com a negritude e suas narrativas. Spink e Curado (2014) apontam que o psicológico, e, portanto, o subjetivo, está presente em materialidades. Diante disso, que a medida que se escreve, Escrivência ocasiona uma materialidade subjetiva, em que o material e o sentido só são possíveis em uma relação de interação, como pode ser compreendido a partir da citação abaixo:

Ficcionalizava somente a partir do desejo, inventava para escapar daquilo que me era interdito. Depois Chegou a fase da adolescência, e hoje penso que se eu não escrevesse e não lesse intensamente nesse período, talvez tivesse adoecido. E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade. O que me salvou de um adoecimento, como quando minha irmã mais velha adoeceu, foi a escrita. A escrita e a leitura. (Evaristo, 2020, p.33)

A narração de lembranças torna-se uma possibilidade de elaboração para eventos traumáticos, elaborar a partir da escrita é trazer a tona o que foi silenciado. Para mulheres negras, a escrita pode ser entendida como uma ferramenta de tecnologia individual e coletiva de enfrentamento ao racismo. (Brito, 2020)

1.2 Gênero e mulheres negras

Como apontado, a escrita de Evaristo resulta da circunstância de estar inserida na sociedade como um sujeito que experiencia o fato de ser mulher e ser negra, fatores que consequentemente a insere em um campo específico de experiências e violências, haja vista os mecanismos sociais que o racismo e o patriarcado se utilizam para oprimir a população negra.

Com isso, o corpo se faz como um instrumento de poética viva, no qual a interpretação social do fenótipo resultará em experiências moldadas pela interseção das características biológicas e sociais, encontrando expressão com o auxílio da escrita. Diante disso, a escrita se converte em uma ferramenta para traduzir as diversas facetas envoltas na vivência de mulheres negras.

Portanto, sobre gênero:

A identificação ou a nomeação de um corpo (feita no momento do nascimento, ou mesmo antes, através de técnicas prospectivas) dá-se, certamente, no contexto de uma cultura, por meio das linguagens que essa cultura dispõe e, deve-se supor, é atravessada pelos valores que tal cultura adota. Nesse sentido, seria possível entender, como fazem algumas vertentes feministas, que a nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo— em outras palavras, o corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem. (Louro, 2007, p. 209).

Gênero é uma categoria indispensável para pensar a história das mulheres, portanto, diante das estudiosas que se dedicaram a discutir a temática, Louro (2007) ao parafrasear Haraway, cita que gênero é uma concepção a fim de confrontar a naturalização da diferença sexual, e a partir disso, se torna uma ferramenta de luta. Um dos fatores que possibilita o entendimento, comunicação e estruturação do que se entende por gênero é a linguagem, usada para nortear dispositivos metodológicos, construir técnicas e teorias.

É válido ressaltar que o que se entende por ser mulher está diretamente relacionado com fatores como cenário histórico e social, território e cultura. Para Scott (1995) a categoria gênero se sustenta a partir de “construções culturais”, portanto, tange a identidade subjetiva dos sujeitos, resultante de uma concepção produzida socialmente.

Além de entender gênero como uma construção social, faz-se de suma importância desmistificar a ideia de mulher universal. Djamila Ribeiro disserta em seu livro “Lugar de fala” (2020) que o feminismo negro e o entendimento do que é lugar de fala contribui para que seja refutada a falácia da universalidade, se opondo a ideia de sujeito e discurso único, a partir do entendimento de que há uma multiplicidade de vozes e identidades. Cardoso (2014) ao se embasar no pensamento de Lélia Gonzales, conceitua que a feminista negra criticava a universalidade da categoria mulher, já que isso corroborava para um olhar desvinculado de raça, sendo alheia a consideração das especificidades e discriminações advindas da abordagem de gênero desvinculada de outras .

E não sou uma mulher?

Aquele homem lá diz que as mulheres precisam de ajuda para entrar em carruagens e atravessar valas, e sempre ter os melhores lugares não importa onde. Nunca ninguém me ajudou a entrar em carruagens ou a passar pelas poças, nem nunca me deram o melhor lugar. E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem o meu braço! Eu arei a terra, plantei e juntei toda a colheita nos celeiros; não havia homem páreo para mim! E eu não sou uma mulher? Eu trabalhava e comia tanto quanto qualquer homem – quando tinha o que comer -, e ainda aguentava o chicote! E eu não sou uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria delas sendo vendida como escrava, e quando gritei a minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E eu não sou uma mulher?

(Sojourner, 1851, Discurso pronunciado na Convenção dos Direitos da Mulher em Akron, Ohio)

Dentre as pensadoras do feminismo negro, Akotirene (2018) é uma das autoras brasileiras que salienta através do embasamento em Crenshaw (1989) a noção de interseccionalidade, constitui-se a fim de considerar o sistema de opressões atravessamentos intersetoriais. Os critérios para enaltecer ou marginalizar sujeitos se dá por uma diversidade de fatores determinados pelo racismo, preconceito de classe e sexismo, religião, idade entre outros fatores que envolvem cultura, corpo e território. Portanto, por se caracterizarem enquanto manifestações históricas, estas opressões se interligam e se contrapõem, atravessando corpos e demarcando subjetividades.

Portanto, é imprescindível considerar fatores sociais a partir do uso de uma ótica interseccional, o conceito de Interseccionalidade salienta:

[...] frequentemente e por engano, pensamos que a interseccionalidade é apenas sobre múltiplas identidades, no entanto, a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente[...]. A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos. (Akotirene, 2020, p. 63)

Para Patrícia Hill Collins (2021), interseccionalidade possibilita compreender a intersecção entre identidades e as experiências sociais, usá-la como ferramenta analítica proporciona a percepção de forma mais intensa das desigualdades sociais, já que sujeitos podem ser percebidos não por um viés de universalidade, mas por meio da análise de que categorias como classe, raça e gênero, sexualidade, idade e nacionalidade posicionam pessoas socialmente de diferentes formas.

Collins (2021) ao discorrer sobre um encontro de feministas negras no Brasil, enfatiza a importância da presença de Conceição Evaristo no evento, que com o livro “Ponciá Vicêncio” exemplifica a diversidade de opressões que as mulheres negras estão inseridas. Sendo, portanto, uma literatura interseccional que une arte, ativismo e a experiência acadêmica.

Diante desse anseio, temos no discurso um importante fator que mobiliza os acontecimentos na sociedade. O discurso ocupa uma função simbólica e social, “que é um negro senão o discurso que o institui e constitui como tal, frente ao olhar que o revela a si mesmo e ao outro? [...] De que lugar provém a fala que o constrói?” (Martins, p. 34, 1995).

Nessa mesma linha de pensamento, Spivak (2010) em “Pode o subalterno falar?” discorre que a inserção em um sistema colonial e patriarcal, a partir da relação desigual do poder, coloca as mulheres em uma posição de subalternidade, à medida que a sociedade falocêntrica relaciona a mulher ao silêncio. O que corrobora para que dentro desse sistema, a voz e a história dessas, sejam invisibilizadas.

Portanto, diante de uma série de ferramentas do racismo, engendradas para violentar corpos e subjetividades negras, Neusa Santos Souza (1983) conclui que se faz necessário que o sujeito negro olhe para sua negritude, a fim de se desvincular do ideal do branco, para que assim se aproxime de sua cultura. E embora esse seja um movimento complexo, visto que se toma consciência das violências constantes que se está suscetível, só assim será possível a construção de um autoconceito positivo sobre si.

1.3 Escrivência e Psicologia Social

É de suma importância a compreensão das diversas possibilidades de sentidos que permeiam essa escrita política. Entende-se que o sentido é uma construção social, no qual emerge do coletivo a partir do dinamismo das relações, sendo influenciado pelo cenário histórico e cultural no qual se está localizado, gerando assim, elementos para a compreensão dos fenômenos. (Spink 2010). A partir do que foi apontado, a autora posiciona o entendimento da linguagem enquanto ação, buscando entender de que forma há a produção de sentidos, visto que esse é social, e sua análise decorre de uma série de intervenções. Para a autora, o sentido é que possibilita conviver com os acontecimentos cotidianos.

Além disso, como um meio de ilustrar a pluralidade de mulheres negras, as escrituras se opõem à falácia de mulher universal, assim como ocorre na abordagem construcionista, que se posiciona de forma contrária a universalidade do conhecimento e de sujeitos. Assim, criticar a universalidade é se posicionar contra a generalização do que é ser uma mulher negra. Estudos feministas realizados a partir dessa perspectiva apontam uma recusa aos discursos que englobam a mulher ou todas as mulheres em uma categoria única, visto que há uma multiplicidade de identidades. (Nogueira, 2001).

A partir da abordagem construcionista, há o entendimento de que levantar verdades absolutas, ou se utilizar de categorias fixas para entender a ciência e a sociedade é uma forma reducionista e generalizante de interpretação do mundo. Diante dos vários pressupostos teóricos que o Construcionismo Social discorre e que pode ser usado para compreender as escrituras, tem-se o anti-realismo, com isso, não busca se apoiar na

falsa crença de descrições diretas, concretas e universais sobre as interações e processos que ocorrem na sociedade, mas entendendo a realidade enquanto resultante de interações entre grupos e ferramentas que a cultura e o território disponibilizam. Assim, criam-se realidades. (Spink, Cordeiro e Brigagao, 2022)

Na postura construcionista, a linguagem não meramente descreve a realidade, mas também tem o poder de usá-la como mecanismo para construir socialmente realidades, e, portanto, materializa novos direcionamentos aos atos e experiências. (Spink, Brigagão e Cordeiro, 2022). Direcionando a discussão da linguagem para sujeitos considerados subalternos, Bell Hooks (2019) salienta que “A linguagem é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo — para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação — uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta.” (p.58).

Destaco que, ao formular a noção de Escrevivências, Conceição Evaristo não revolucionou somente a literatura, mas também, auxiliou na criação de um espaço de acolhimento para subjetividades negras, em que a partir da escrita, dá luz a possibilidade de externalizar dores, (re)construir narrativas, denunciar violências e humanizar-se, como salienta Audre Lorde.

“Os patriarcas brancos nos disseram: penso logo existo. A mãe negra dentro de cada uma de nós - a poeta- sussurra em nossos sonhos: penso, logo posso ser livre. A poesia cria a linguagem para expressar e registrar essa demanda revolucionária, a implementação da liberdade (Lorde, 2021, p.48)

Dentre as diversas possibilidades de ferramentas de análise nas pesquisas em Ciências humanas, Soares e Machado (2017) discorrem que para a Psicologia Social, a Escrevivência se faz como uma potente escolha metodológica ao desenvolver narrativas da vida de mulheres, colocando a mulher negra como protagonista de si. Nessa mesma ótica, Neves e Heckert (2021) ao promoverem rodas de conversas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) optaram por utilizar a Escrevivência como ferramenta metodológica, visto que esta propicia a descolonização dos saberes, recriando novas formas de construção de saberes, atravessados pelas experiências de mulheres negras.

Para além de uma suposta genialidade, a escrita de mulheres negras pode ocupar um espaço de necessidade, visto que tem a possibilidade de se constituir como um texto

que surge da urgência de se ver representada, de externalizar vivências, protagonizar narrativas e reformular a história por um novo panorama, em movimento de resgate de si e de suas histórias enquanto parte de um povo. Podendo ser uma técnica que une compromisso social, podendo oportunizar a reorganização psíquica e comunitária. São heroínas do cotidiano.

Com isso, independente da configuração que o texto é escrito, a literatura de autoria feminina negra transita entre o visceral e o poético, a partir de uma leitura do corpo, das relações e da sociedade. Sendo assim, a partir do movimento de mulheres marginalizadas manterem o enfoque no uso da linguagem como forma de resistência, constrói-se um posicionamento subversivo as configurações de linguagem engendradas pela colonização, se posicionando frente ao sistema de dominação que segue em manutenção na sociedade (Silva, 2021).

Ao discorrer sobre a multiplicidade de experiências que perpassam as narrativas enquanto mulher negra, cria-se com a escrita um espaço no qual se pode compartilhar temas e questões que socialmente são deslegitimadas ou atacadas. Para as mulheres negras, além do viés político, a escrita também pode ser encarada como um gesto de autocuidado, haja vista que se torna possível externalizar e acolher emoções e inquietações.

Diante do exposto, encontrei no Construcionismo Social respaldo para dialogar com as questões raciais, à medida que aborda temas como gênero, identidade, interseccionalidade e racialização a partir de uma perspectiva que dá enfoque na linguagem enquanto influenciadora na produção de realidades. Do mesmo modo que se opõe a universalidade na produção de conhecimento, tenho então nessa perspectiva da Psicologia Social crítica, um aparato teórico metodológico que permite uma reorganização epistemológica.

Capítulo 2: Escrivência como estratégia coletiva de produção de saúde mental

2.1 Literatura negra, saúde mental e sofrimento psíquico

Como reitera Munanga (2021) é crucial que as vítimas de preconceito racial, sejam amparados pela ciência psicológica a partir de um olhar coletivo, pelo viés de uma Psicologia clínica e social, visto que o racismo cotidiano é uma experiência traumática, como salienta Kilomba (2019). A partir do entendimento do racismo como fator de

adoecimento psíquico, há na Psicologia as referências técnicas para a prática da Psicólogas/os nas questões raciais.

Fanon (1952) em *Pele Negra, Máscaras brancas*, discorre sobre saúde mental das pessoas negras com base nos impactos psicológicos decorrentes do racismo e da colonialidade. O pensador desenvolve como a questão racial pode levar o sujeito negro a um sentimento de inferioridade, afetando o psicológico dessas pessoas. Ele comenta que a medida que a pessoa negra é exposta frequentemente em um mundo que a desumaniza, torna-se muito provável o desenvolvimento de conflitos psíquicos com a tentativa de adequação aos padrões da branquitude.

Diante disso, a *Escrevivência* pode ser uma possibilidade de enfrentamento ao racismo, e promoção de saúde mental. Silva e Farias (2021) ao parafrasear Bell Hooks, conceituam que à medida que as histórias conectam o indivíduo com suas subjetividades, pode haver o caráter ou efeitos terapêuticos, indo de encontro com o que é apontado por Foucault:

“a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor”. [...] Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho para consigo e a comunicação para com outrem.” (Foucault, 2009)

É importante destacar, que embora falar da violência seja necessário, a fim de denunciar violências e negligências, discorrer sobre o amor, família, relações, cultura e arte é igualmente político, pontuar emoções, desejos e sonhos é uma forma de fazer um movimento contrário ao reducionismo emocional que se é atribuído à pessoas negras. Diante de uma configuração de organização social que desconsidera a sensibilidade, vulnerabilidades, demandas e anseios de pessoas negras, as *Escrevivências* são uma forma de recuperar a humanidade que a sociedade insiste em apagar.

Para Foucault (1983) a escrita ocupa um lugar que permite se constituir enquanto corpo e sujeito, esse corpo, por sua vez, por meio da sua leitura de mundo, a partir da escrita e da observação da existência, transcreve sua visão de mundo, constrói suas verdades e se apropria delas. A escrita oportuniza a partir dessa apreensão de mundo, um movimento que “em forças de sangue”, se apropria do corpo da pessoa autora, como um princípio de ação.

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade [...] oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário. (Foucault, 1983, p.145)

A escrita assume a função de posicionar-se, na qual a partir do movimento de se pôr diante de si, cria-se assim a oportunidade de estabelecer um paralelo entre a imersão na sociedade e a leitura do mundo resultante desse envolvimento. Não se pode deixar de destacar, que a partir da inserção na esfera social as experiências são localizadas, e conseqüentemente, a escrita demonstrará tal engendramento, sendo resultante de elementos contextuais como cultura, território, gênero, raça e classe social. “Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana” (Kilomba, 2019, p. 21).

Como pontuado, a escrita se ocupa das possibilidades de elaborar o que já foi lido, dito ou posto em prática, para que possa criar novas ferramentas que corroborem para a constituição subjetiva. Dessa forma, a escrita se consolida como uma ferramenta pessoal, com caráter de transformação social. (Macedo e Dimenstein, 2009).

A escrita pode ser uma ferramenta geradora do cuidado de si, esse por sua vez, é atravessado por um movimento que engloba deslocamento e ação. Dessa forma, o cuidado de si se faz a partir de um compilado de técnicas, que enquanto tecnologia do eu, propicia a transmutação de quem se é, de modo a corroborar para que se construa enquanto sujeito. (Marcello, Fisher, 2014).

As palavras se mostram como um mecanismo que propicia corporificar os não ditos, construindo discursos sobre si e sobre a sociedade. Portanto, ainda que seja uma escrita intrinsecamente pessoal, transcende o âmbito individual, visto que evoca o coletivo. Isso se torna evidente principalmente no contexto da população negra, onde a ancestralidade desempenha um papel de orientação e resgate de quem se é. Weschenfelder e Fabris (2019) salientam que a medida que mulheres negras retornam a atenção para seus sentimentos, experiências e histórias, se deslocam para olhar a si mesmas, de forma a entender que são merecedoras de cuidado.

Franco (2021) reitera que a memória do povo negro não se resume a dor e sangue, ela é emancipadora, intelectual, histórica e por isso não pode ser silenciada, pois há a existência de líderes impulsionando a resistência. É crucial pensar que há a participação

direta da cultura na criação de afetos e performances, da mesma forma que também atua na inibição de algumas expressões (Zanello, 2018).

Um dos possíveis fatores de adoecimento psicológico de mulheres está atrelado ao silenciamento que nos é imposto. Além disso, a inserção de mulheres negras em espaços que são desempoderados geram sofrimento psíquico, sendo essa parcela da população, mais suscetíveis a ter transtornos mentais. (Zanello, 2018)

Faustino e Oliveira (2020) ressaltam que para Fanon, há um processo de alienação colonial, que se sustenta no fenômeno socialmente construído de definir os europeus como expressões universais do ser humano, caracterizando pessoas brancas como boas e verdadeiras, sendo representação da razão e civilização. No momento em que se pensa em humano, automaticamente refere-se ao branco, visto que a eles foi concebido a característica indiscutível de humanidade.

Em contrapartida, aos negros é atribuído características opostas da benevolência branca, ganhando o status animalesco e infantil. Para Fanon, o racismo não se restringe apenas às expressões depreciativas, mas se sustenta, principalmente, em expressões genéricas que resultam em desumanização, a medida que se atribui ao negro tudo que é ruim. Para o teórico em saúde mental, isso contribui para a deturpação da visão de pessoas negras sobre si, gerando sentimento de inadequação. (Faustino e Oliveira, 2020)

Alves (2024) nos mostra que na área da saúde, Gergen, teórico construcionista, entende como cuidado o desenvolvimento processual de criação de sentidos, e portanto, as ações terapêuticas deveriam ocorrer a partir desse enfoque, ao invés de reproduzir a lógica mecanicista que de forma tão costumeira constitui as instituições e os processos terapêuticos. Ainda pela perspectiva do autor, construir significados implica diretamente na construção de leituras de mundo, que sempre estará atrelado ao contexto cultural. Nessa ótica, o cuidado precisa ocorrer em diálogo aos diferentes saberes, sendo um processo colaborativo em que resgata a humanização dos sujeitos.

No entendimento da Psicologia Sócio-Histórica, a afetividade é uma categoria crucial no psiquismo, tendo poder de transformação no sujeito. As motivações são sustentadas por emoções que impulsionam o movimento, corroborando para mudanças psíquicas e orgânicas. Nessa perspectiva, sentimentos são compreendidos como parte

Sob essa perspectiva, emoções e sentimentos são compreendidos como parte do processo de atribuição de significados às vivências dos indivíduos, mediado por suas

relações sociais e materiais. Esse processo é moldado pelas características específicas dos contextos nos quais o sujeito está inserido, como família, grupos e escola.

Ratts (2015) às experiências de desumanização resultantes do racismo, exigem da pessoa negra em um movimento de adentrar e sair de si. O autocuidado coletivo, pode ser tido, para pessoas negras, como estratégia de cuidado e aquilombamento, destacando a importância do processo grupal entre os nossos. Aquilombar-se, é uma prática histórica desde o século XV, e desde então tem sido uma forma de resistência e fortalecimento, criando espaços de produção de vida frente à opressão e à falta de reparação e oportunidades após a abolição. (Ortega, Brambilla e Kahhale, 2023)

Em alguma medida, todas as pessoas negras são feridas pela supremacia branca, pelo racismo e sexismo em um sistema capitalista. Tais feridas não se restringem ao campo da materialidade, mas afeta diretamente o bem estar psicológico. Por isso, se torna crucial olhar para a saúde mental de pessoas negras por uma perspectiva psicossocial, compreendendo como o cenário social e os marcadores de gênero, classe, raça e sexualidade influenciam nesse campo. A partir disso, houve o interesse em compreender se e como o fortalecimento psíquico de mulheres negras pode se dar a partir da escrevivência.

Ainda que haja o reconhecimento da profundidade de dores enquanto pessoa negra, por vezes, há uma dificuldade de organização coletiva para encontrar e compartilhar formas de cuidado. Entretanto, a literatura tem contribuído para essa lacuna, a medida que escritoras negras tem identificado e mapas para a cura. (hooks, 2023). Outro ponto que pode tornar a escrita como terapêutica, é a possibilidade de expressão de sentimentos, em um movimento de não abafar o sofrimento. (Jesus, 1960) diz que ao ficar nervosa, diz não gostar de discutir, opta por escrever além de externalizar os sentimentos, dá outros direcionamentos para os afetos.

Conceição Evaristo (2017) reforça que a literatura e a escrita foram as maneiras que encontrou para não adoecer emocionalmente, a partir dessa ferramenta encontrou possibilidades de dar vazão ao que a atravessa, além de poder inventar histórias. Com isso, a literatura e as Escrevivências são suas “válvulas de escape”, mas também um movimento para lidar com a dor. Para Prestes e Paiva (2016), a adoção de uma perspectiva psicossocial pode auxiliar na criação e consolidação de novas técnicas, e com

isso potencializar a resiliência e promoção de saúde que abarque mulheres negras em suas especificidades.

Reunidos em torno de si, cientes de sua identidade negra, fortalecidos pela conexão e reconhecimento mútuo entre seus semelhantes e imersos em uma ancestralidade marcada pela resistência, resiliência e transformação. Aqui, aquilombamento é entendido como qualquer expressão de luta e resistência em que a negritude atua como instrumento e símbolo protetor contra o racismo. (Rimioli et al, 2023)

Ratts (2015) aproxima a escrita de Beatriz Nascimento com a de Lima Barreto pela maneira em que ambos os escritores, enquanto pessoas negras e com laudos psiquiátricos recorrem à escrita como recurso terapêutico para narrar a dor e demais afetos advindos do racismo e convívio com as psicopatologias.

Além dos autores, Ryane Leão também demonstra em sua poesia uma forma de lidar com transtornos psiquiátricos, a acolhendo e empoderando. Como pode ser percebido nas palavras abaixo

[...]

mas hoje, serei mais que um diagnóstico
porque apesar de toda maldade do mundo
coisas bonitas continuam acontecendo
sem o nosso controle
que hoje eu seja uma delas
minha voz é um estrondo
e vale a pena ser ouvida
e meu corpo também fala
é em mim que está a saída
hoje não vou para a lista
de pretos que se foram
essa lista que todo mundo cita (...)

(Leão, pág 52, 2019)

Ratts (2015) disserta sobre Beatriz Nascimento ter relatado em algumas entrevistas sobre a escolha de conectar a esfera psíquica ao contexto racial, para enfrentar os conflitos advindos do racismo e do sofrimento resultante do diagnóstico de psicose maníaco depressiva, enfrentou seus dilemas por meio da escrita literária.

Um ponto digno de atenção é a existência por meio da palavra, não como algo utilitário ou essencial, mas como um anseio incessante pela diversidade de formas de nomear, tatear, tangenciar e alcançar corpos ocultados pelas dores e opressões que restringem o falar, descansar e estar bem (Ratts, 2015)

A escrita então é tida como recurso terapêutico, há uma série de escritoras/es que se utilizam dessa ferramenta como forma de se acolher, como enfatiza Leão (2019)

“se tô quebrada a poesia me remonta

se tô inteira a poesia me reconta” (Leão, pág 53, 2019)

O encontro com as mulheres na literatura de Conceição não revela apenas afeto, cuidado e carinho, mas também a formação de uma consciência crítica, a ânsia por transformação social e a força de uma luta insurgente. As relações entre corpos negros e a escrita da autora originam os espaços de escrevivências, onde esses corpos não são vistos meramente como objetos de exploração ou denúncia, mas como símbolos de resistência, protagonismo, admiração e respeito, ecoando histórias reais. (Neiva e Dias, 2023)

2.2 Tornar-se negra a partir da Escrevivência

Ser uma pessoa negra vai além de somente uma condição baseada em fenótipos, haja vista que o conjunto de traços negróides e experiências de violência racial não disponibilizam elementos suficientes para abarcar uma identidade negra. Essa, por sua vez, vai sendo construída a partir da tomada de consciência de que ser uma pessoa negra perpassa pelo discurso que vai sendo criado sobre si, que ao advir de uma percepção contaminada pelos mecanismos do racismo, corrobora para uma visão alienada, não propicia que a pessoa se reconheça em sua negritude. “Ser negro é tomar posse dessa

consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.” (Souza, p.115)

No devir de bancar se posicionar como não branco, Souza (1983) nos mostra que o processo de se reconhecer como pessoa negra perpassa pelo comprometimento de entender sua história, e que como reforçam Menezes et al (2020), tornar-se negro é um posicionamento que se movimenta através da fala, e que perpassando pelo discurso, nomeia-se novas narrativas. Dentre a diversidade de ferramentas que podem ser utilizadas para que pessoas negras tenham autonomia, a construção de um discurso sobre si se torna uma potente alternativa para alcançar esse objetivo. (Souza, 1983).

No processo de rememoração de narrativas não inclusas na história hegemônica oficial, há o movimento de “memoriafetar”, que decorre da oportunidade de entrar em contato com informações e episódios não conhecidos anteriormente, corroborando para a compreensão dos impactos do epistemicídio propiciando a reflexão sobre nossa percepção enquanto sujeitos. Isto é, observar como ocorre o desenvolvimento da identificação. (Navasconi, Mocheta, 2023)

Nota-se a emergência de construir uma identidade que se desloque do ideal de branco, em um movimento de se posicionar, escolher e acolher dentre os desafios e potencialidades advindas da racialização como pessoa negra. Em concordância com Souza (1983) a construção de uma nova identidade se mostra exequível a partir da escuta de vozes de pessoas negras, para que pautada em interesses e feições próprias, modifique a história individual e coletiva, social e psicológica.

Diante de todo o histórico de repressão e violência física e simbólica da população negra, seja em esfera individual ou coletiva, os resquícios de uma lógica escravocrata e segregacionista que se perpetua na sociedade, exige que os afrodescendentes elaborem estratégias de resistência. Com isso, literatura se mostra como um caminho que viabiliza abordar de forma positiva a descrição do corpo negro. (Evaristo, 2010).

A iniciativa de humanizar a negritude por meio da literatura surgiu em um bairro negro em Nova Iorque em 1920, caracterizado como um movimento literário e artístico chamada New Negro (ou Negro Renaissance) decorrente da frustração de intelectuais negros ao não se verem representados na cultura eurocêntrica, e assim objetivavam se desvincular e combater os estereótipos pejorativos e preconceitos compartilhados sobre o negro na sociedade. Com isso, os ativistas desse movimento conduziam suas obras literárias enaltecendo as características físicas e culturais da população negra (Domingues, 2005)

No contexto do Brasil, a Escrivivência converte-se em uma possibilidade de tornar-se negra, a medida que propicia o desenvolvimento de outras discursividades sobre o negro, sobretudo, da mulher negra brasileira, colaborando para que se (re)crie novas possibilidades de identificação com a negritude (Weschenfelder e Fabris, 2019).

A Escrivivência pode ser um mecanismo que corrobora para o letramento racial e constituição da identidade negra, que se mostra possível a partir de uma interação relacional com outras semelhantes, oportunizando o se conectar coletivamente. Nessa mesma linha de pensamento, Weschenfelder e Fabris (2019) discorrem que ao externalizar vivências similares, mulheres negras passam a se identificar umas com as outras, e se utilizam dessa identificação para sustentar o processo de construção e elaboração da identidade.

A identidade perpassa pela retomada a valores ancestrais e aproximação com a cultura. Portanto a Escrivivência é uma forma de cultivar a identidade (salgueiro, 2020). “é somente pelo modo no qual representamos e imaginamos a nós mesmos que chegamos a saber como nos constituímos e quem somos (Hall, ano 2003, p.157)

Por intermédio da escrita, é possível observar o passado e a ancestralidade por meio de uma nova perspectiva, composta de ressignificados que propicia que a população negra tenha acesso a história, tendo a resistência como protagonista da existência negra. Tais fatores culminam em uma proliferação discursiva que perpassa o coletivo e transpassa as narrativas das escritoras. (Weschenfelder, Fabris, 2019).

A poética de escritoras negras auxilia na amplificação das potencialidades da utilização da literatura como estratégia discursiva frente ao cenário de discriminação da população negra no Brasil, oportunizando reivindicar a reparação ética dos danos causados pela violência racial. Tal licença poética viabiliza a articulação de uma linguagem antirracista, que incorpora simbolicamente elementos da cultura afro-brasileira, e explorar os sentidos associados a experiência negra. (Rodrigues, 2021)

Evaristo, ao incorporar uma expressão enraizada no âmbito literário, nos oferece um método teórico e prático que possibilita a criação de narrativas que se estendem tanto no mundo digital quanto no material. A escrivivência, com sua rica poesia e realismo do cotidiano, integra corpo, contexto social e experiência, um tripé essencial nas disputas contemporâneas por narrativas autênticas. A busca por representação e reconhecimento passa inevitavelmente por esse trinômio valorizado pela escrivivência. (Borges, 2020). De acordo com Evaristo:

Para determinados povos, principalmente aqueles que foram colonizados, a poesia torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade. Torna-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador. É também transgressora ao optar por uma estética que destoa daquela apresentada pelo colonizador (Evaristo, p.2, 2010)

2.3 O fortalecimento psíquico a partir do diálogo entre escriturabilidade de mulheres negras e Psicologia Social

A Escriturabilidade pode se tornar uma possibilidade de enfrentamento ao racismo, e promoção de saúde mental. Silva e Farias (2021) ao parafrasear Bell Hooks, conceituam que à medida que as histórias conectam o indivíduo com suas subjetividades, pode haver o caráter ou efeitos terapêuticos, indo de encontro com o que é apontado por Foucault:

“a rememoração das verdades que já se sabe, mas de que convém apropriar-se ainda melhor”. [...] Em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho para consigo e a comunicação para com outrem.” (Foucault, 2009)

É importante destacar, que embora falar da violência seja necessário, a fim de denunciar violências e negligências, discorrer sobre o amor, família, relações, cultura e arte é igualmente político, pontuar emoções, desejos e sonhos é uma forma de fazer um movimento contrário ao reducionismo emocional que se é atribuído à pessoas negras. Diante de uma configuração de organização social que desconsidera a sensibilidade, vulnerabilidades, demandas e anseios de pessoas negras, as Escriturabilidades são uma forma de recuperar a humanidade que a sociedade insiste em apagar.

Para Foucault (1983) a escrita ocupa um lugar que permite se constituir enquanto corpo e sujeito, esse corpo, por sua vez, por meio da sua leitura de mundo, a partir da escrita e da observação da existência, transcreve sua visão de mundo, constrói suas verdades e se apropria delas. A escrita oportuniza a partir dessa apreensão de mundo, um movimento que “em forças de sangue”, se apropria do corpo da pessoa autora, como um princípio de ação.

A escrita assume a função de posicionar-se, na qual a partir do movimento de se pôr diante de si, cria-se assim a oportunidade de estabelecer um paralelo entre a imersão na sociedade e a leitura do mundo resultante desse envolvimento. Não se pode deixar de destacar, que a partir da inserção na esfera social as experiências são localizadas, e

consequentemente, a escrita demonstrará tal engendramento, sendo resultante de elementos contextuais como cultura, território, gênero, raça e classe social. “Parece-me que não há nada mais urgente do que começarmos a criar uma nova linguagem. Um vocabulário no qual nos possamos todas/xs/os encontrar, na condição humana” (Kilomba, 2019, p. 21).

Como pontuado, a escrita se ocupa das possibilidades de elaborar o que já foi lido, dito ou posto em prática, para que possa criar novas ferramentas que corroborem para a constituição subjetiva. Dessa forma, a escrita se consolida como uma ferramenta pessoal, com caráter de transformação social. (Macedo e Dimenstein, 2009).

A escrita pode ser uma ferramenta geradora do cuidado de si, esse por sua vez, é atravessado por um movimento que engloba deslocamento e ação. Dessa forma, o cuidado de si se faz a partir de um compilado de técnicas, que enquanto tecnologia do eu, propicia a transmutação de quem se é, de modo a corroborar para que se construa enquanto sujeito. (Marcello, Fisher, 2014).

As palavras se mostram como um mecanismo que propicia corporificar os não ditos, construindo discursos sobre si e sobre a sociedade. Portanto, ainda que seja uma escrita intrinsecamente pessoal, transcende o âmbito individual, visto que evoca o coletivo. Isso se torna evidente principalmente no contexto da população negra, onde a ancestralidade desempenha um papel de orientação de quem se é. Weschenfelder e Fabris (2019) salientam que a medida que mulheres negras retornam a atenção para seus sentimentos, experiências e histórias, se deslocam para olhar a si mesmas, de forma a entender que são merecedoras de cuidado.

Franco (2021) reitera que a memória do povo negro não se resume a dor e sangue, ela é emancipadora, intelectual, histórica e por isso não pode ser silenciada, pois há a existência de líderes impulsionando a resistência.

David e Vincentin (2020) Inspirados em Abdias Nascimento, salientam que o quilombismo é aquilombamento propicia um manejo ético-político antirracista, ao pensar na ligação entre saúde mental e racismo. Visto que o quilombismo se inspira no quilombo como uma forma de organização política que atua firmada na história afrobrasileira como uma forma de lutar contra a opressão.

Com o objetivo de construir uma tecnologia do cuidado usando como referência mulheres negras, “Crônicas de Marias” foi pensado como método de intervenção

terapêutica no SUS, a fim de promover suporte para o sofrimento mental. Germano et al (2024) construíram uma metodologia antirracista ao se embasarem na literatura de pensadoras negras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e Lélia Gonzalez para dar luz/inspirar outras mulheres a contarem suas histórias, para que através da escuta, fosse construída coletivamente crônicas diretamente pensada para a população negra.

Ao utilizar a literatura/crônicas como base para o cuidado, essa diretriz, permitiu a detecção de situações de violência, o apoio entre o grupo, proporcionando o pertencimento, lugar de fala e sendo um aparato de humanização (Germano et al, 2024). As autoras comunicam que a aplicação da Escrivência como ferramenta metodológica modificou a forma como escutam as mulheres, dando espaço para suas histórias, e as vendo mais que um sintoma e as situações de violência que experienciaram, e sobretudo, construindo um cuidado em saúde da população negra.

Metodologia para acolher mulheres através das suas histórias por meio da produção de sentidos, significação e ressignificação, como uma experiência exitosa para o cuidado e promoção da saúde. (Germano et al, 2024). Há, portanto, diversas potencialidades para contribuir positivamente para a saúde mental de mulheres negras a partir de suas escritas. Seja em formas de contos e poesias, ou crônicas em diário marcada pela imersão em um processo de autoconhecimento, contribuindo para a compreensão dos episódios vida, em uma sociedade que é machista e patriarcal. Como levanta Gonzalez (2021) uma vez inseridas em uma sociedade na qual o racismo e sexismo nutrem a ideologia de dominação, é preciso questionar a exarcebada discriminação na qual a mulher negra está inserida.

O quilombo literário da contemporaneidade resiste ao ter nas mãos um livro, sendo a palavra poética como instrumento de identificação, a inquietar e aquietar mentes e corações no processo de construção de si mesmos enquanto pessoas negras (Duarte, 2020).

Capítulo 3 Identidades de mulheres negras a partir de Escrivências

3.1 Conceito de identidade

“Saber se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências [...]. Mas é também, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em potencialidades” (Santos, p.46, 1963)

Como pontuado por Stuart Hall, a identidade é cultural, e atualmente essa concepção está relacionada ao sujeito pós-moderno, em que as pautas identitárias estão sendo altamente discutidas, sendo importante para a compreensão do cenário histórico e cultural no qual se está inserido, de acordo com as palavras do autor:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar-ao menos temporariamente. (Hall, p. 13. 2006)

Hall (2006) discorre que por raça ser uma categoria discursiva, organizada a partir de um conjunto de sistemas a fim de promover a diferenciação, dialoga com etnia, que se refere à língua, religião entre outros fatores, que corroboram para pertencimento, ainda assim, não se pode dizer que há uma identidade unificada, que representa todo um povo.

As políticas de identidade surgem como um viés para articular as diferenças, e atrelar a dimensão do individual e do coletivo, se embasando na produção de sentido de cada sujeito, reforçando assim, que não há uma identidade única ou via de expressão universal. Fatores que a Psicologia Social, ao discutir identidade, a coloca enquanto algo que é constituído a partir de elementos históricos, sociais, contextuais, resultante de um conjunto de fatores, e não fixa.

Zurbaran, Wortmann e Kirchoff (2016) salientam que Hall analisa os aspectos culturais embasado no Construcionismo Social, apontando que as coisas não têm significado a priori, nós construímos representações sobre o mundo a partir dos sentidos que são atribuídos por meio do sistema de linguagem, símbolos e signos. A cultura então se mostra como um processo de luta pela atribuição de determinados significados, demonstrando pela linguagem um caráter político.

No que diz respeito ao contexto brasileiro, a luta do dia a dia corrobora para que seja um movimento político frente a descentralização da branquitude, propiciando que haja outras alternativas de se entender e se posicionar no mundo, respeitando a forma

subjetiva de se relacionar com a vida. Esse manejo tem potencial para alcançar tanto o âmbito individual quanto coletivo, ajudando no fortalecimento de identidades que compreendem e afirmam as especificidades advindas das relações étnico raciais como resistência política. (Silva et al, 2022).

Se não houver uma percepção positiva de si mesmo para estabelecer laços identitários, o indivíduo negro pode acabar se identificando com um padrão de identidade que reflete o ideal de branquidão, predominante em uma sociedade marcada pelo racismo antinegro. (Nasciutti, 2022)

A escolha de engendrar e racializar o conceito e constituição de identidade(s) objetivando compreender como mulheres negras se relacionam com dinâmicas identitárias, é possível dizer que o processo de se tornar negra ocorre a partir da identificação com a negritude, na inserção de um processo que é ético e político.

A construção de uma identidade que seja afrocentrada busca um espaço acolhedor e que represente a mulher negra, que frequentemente não é vista positivamente na sociedade. A partir do entendimento de que o racismo afetará as diversas áreas da vida da pessoa negra, o fortalecimento de uma identidade afrocentrada poderá auxiliar no enfrentamento ao racismo, ainda que a eliminação total da angústia resultante da violência racial não seja erradicada. (Gesser e Costa, 2018)

A partir da premissa de que fragmentos identitários são passíveis de serem externalizados pela arte, a literatura negra é uma ferramenta a fim de permitir na mudança de perspectiva, valorizando os saberes e a cultura, por meio de novas narrativas, possa constituir uma representação positiva da pessoa negra, autoconceito e resultando em uma identidade negra no qual o sujeito negro possa se orgulhar. Proporcionando a autorrepresentação do negro, a literatura negra posiciona-se contra os estereótipos negativos costumeiramente presentes na literatura dominante, alterando a manifestação de alocar a pessoa negra como exótica. (Evaristo, 2010).

Portanto, sobre a construção identitária ancorada na negritude:

“Tratou-se de um protesto contra a atitude do branco de desprezar a originalidade da cultura negra, um ato de recusa à assimilação colonial, enfim, uma defesa dos valores raciais do mundonegro. Significou, outrossim, uma libertação subjetiva: o negro deixou de sentir-se inferior e passou a ter orgulho de si mesmo. Foi em função da ideologia da negritude que o movimento negro brasileiro passou a encampar os valores da cultura e estética negra, assim como realizou um trabalho mais sistemático de reforço da auto-estima dos afro-descendentes.” (Domingues, p.16 2005)

3.2 Racializando a identidade: Branqueamento e tentativa de apagamento identitário

Racializar o conceito de identidade, é, além de se movimentar para contemplar a diversidade psicossocial, fator que pode corroborar para que os aparatos teóricos auxiliem na construção auto conceito positivo, atuar para a manutenção de uma Psicologia antirracista. A Psicologia Social, juntamente ao que é produzido a partir de movimentos sociais, se articula para apontar e transformar a ideia de identidade como algo que está posto e imutável. Tal apontamento reforça e necessidade de compreender identidades a partir de uma série de fatores, que é apoiada em um contexto e implicada em historicidade, gerando políticas identitárias capazes de se manifestar como resistência/tentativa de oposição a uma lógica hegemônica. (Guareschi et al, 2012)

Nesse direcionamento, busca-se compreender como os sujeitos criam sentidos sobre o mundo e sobre si, haja vista que os sentidos, as relações de poder e o contexto social são fatores que influenciam diretamente na construção de identidades. Portanto, pensar em políticas de identidade é importante visto que se posicionam em um movimento de resistência e produção de novos sentidos, compreendendo novas possibilidades de se dialogar com condições específicas dos sujeitos, gerando novas alternativas de construir o processo de significação (Guareschi et al, 2012).

Diante da crença de que pessoas negras faziam parte de uma raça inferior, buscavam-se alternativas para que essas pessoas não fizessem mais parte do conjunto social. Visando embranquecer a população, o branqueamento era um plano articulado a partir de uma série de ferramentas, como por exemplo a arte, os relacionamentos e as políticas públicas. Vários foram os decretos, leis e eventos em que se mostravam favoráveis à miscigenação, a fim de promover a aniquilação desse público.

Dentre as vastas propostas a partir desse objetivo, pode-se citar o Congresso Internacional das raças, que ocorreu em Londres em 1911. O presente encontro se manifestou enquanto uma forma de pensar em alternativas para a manutenção colonial, objetivando propostas para branquear a população. Com isso, Ferraz e Simioni (2022) contextualizam que representantes brasileiros presentes no evento acreditavam que filhos de relacionamentos inter-raciais promoveriam a extinção da população negra até o século XX.

No que diz respeito ao Brasil, a pintura “A redenção de Cã” (1985) é uma produção em reflexo ao dinamismo do branqueamento no Brasil, a produção artística que traz na sua história um contexto bíblico, foi tido como justificativa para escravidão de pessoas negras. Na imagem, uma senhora de pele retinta ergue a mão aos céus, enquanto sua filha negra, mantém no colo o neto branco. O marido, igualmente branco, olha para a criança com um olhar de satisfação. A cena retratada, demonstra, de forma muito dinâmica a tentativa e anseio de embranquecer a sociedade brasileira.



Imagem: Google Imagens

Como discorrido por Fabiani e Ferraz (2022), a obra representa uma das teorias raciais no país que teve o branqueamento enquanto projeto político, apoiado pelo darwinismo social e racismo científico. Por esta razão, além da ciência ter se organizado para reforçar a visão de que as pessoas negras são biologicamente inferiores, essa crença era constituinte também no pensamento social. Assim sendo, o gesto da senhora, em um movimento de agradecimento, demonstra que a defesa do embranquecimento, que pregada pelos brancos no contexto brasileiro, é apresentada aos negros como uma espécie de redenção.

Dentro da tentativa de erradicar a população negra por meio do branqueamento, há também no modus de operação do racismo, o que Cida Bento (2022) aponta como o pacto da branquitude, de acordo com ela, esse pacto narcísico se faz presente coletivamente na subjetividade dos sujeitos brancos. Embora ainda que nem sempre seja verbalizado, a identificação entre os semelhantes corrobora para a consolidação de um movimento de manutenção dos privilégios, com isso, sujeitos brancos se articulam de forma a se proteger para que continuem sendo beneficiados por esse sistema.

Com isso, os negros foram protagonistas de uma política que visava o extermínio. De acordo com Carone (2002) em termos psíquicos o branqueamento objetivava se manifestar para as pessoas negras, de maneira a que esses sujeitos tentassem se afastar de sua negritude, a fim de buscar a inserção na sociedade, na busca de uma falsa ideia de reintegração, este é um fator que discorre de uma pressão cultural operada a partir da hegemonia branca.

Temos na sociedade, vários fatores que contribuem para que a imagem do negro seja associada ao pejorativo, como por exemplo a forma como a mídia representa a pessoa negra. De acordo com Silva e Monteiro (2018) ao considerar o racismo enquanto fenômeno social complexo e histórico, faz-se necessário considerar como a mídia corrobora para a consolidação e disseminação de preconceitos de raça. Assim, sendo a mídia influente no processo de formação de opinião, a forma como representa a mulher negra dentre suas diferentes ferramentas, seja com papéis em novelas, notícias, literatura, comentários, atribuição (ou não) de cargos, são fatores que podem influenciar diretamente na introjeção de ideias negativas e preconceituosas. Tudo isso afeta a identidade cultural da pessoa negra.

3.3 A identidade da mulher negra na literatura de Conceição Evaristo

Liebig (2016) discorre que a escrevivência construída por Conceição Evaristo em seus livros permite elucidar a negociação da identidade de mulher negra, haja vista as diferentes narrativas de vidas das personagens. A partir do movimento de reagir às formas de dominação, a escritora perpassa por enredos que evocam deslocamentos e subversão, com a escrita cria-se estratégias e se constrói possibilidades para redefinição das identidades.

A literatura realizada pela autora propicia/permite a desconstrução no ideal pela cultura ocidental dominante, em que menospreza a mulher, sobretudo a mulher negra, estas ao interagir consigo e com os outros, expressam a partir dos diálogos, cenários que contradizem a expectativa de papéis para mulheres negras. Em uma escrita engendradora e feminista, a representação plural e corajosa das personagens que Evaristo traz nos seus textos corrobora para que incorporados na identidade da mulher negra, fazendo com que a literatura se aproxime de realidades.

Com isso, fica evidente que as manifestações socioculturais são desconstruídas à medida que é apontado o teor político presente na linguagem, mediando aos

desdobramentos discursivos das feminilidades no contexto do Brasil tem permitido a criação de um novo constructo identitário para mulheres negras. Em suma, a contemporaneidade disponibiliza uma gama de percursos interpretativos para a identidade da mulher negra (Liebig, 2016)

A demonstração de narrativas por meio de várias perspectivas, faz-se importante para a compreensão da literatura para a constituição identitária e psicossocial de mulheres negras. Dessa forma, evidencia-se que ainda que opressões e vivências de mulheres negras possam ser semelhantes, a negritude feminina na literatura é retratada de diferentes formas, e há, portanto, várias possibilidades de se relacionar com a identidade enquanto mulher negra.

Diante disso, é evidente a importância da diversidade na ocupação do cenário da literatura, desmistificando a ideia de mulher universal, trazendo a negritude e empoderamento feminino em pauta, que por meio do lugar de fala, que dá espaço, legitimidade e voz. Fazendo sua narrativa nos seus próprios termos, alcançando, atingindo, modificando a sociedade e influenciando no fortalecimento do seu eu e de suas companheiras no autoconceito e auto afirmação enquanto mulher negra.

4 Caminhos da pesquisa

“Maria Nova queria sempre histórias e mais histórias para a sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um só peito”. (Evaristo, 2013, p. 56).

Com base em Minayo (2002) o método qualitativo nas pesquisas em Ciências Sociais, não se organizam de forma a quantificar as informações, mas sim, se ocupam de maneira a compreender como os sujeitos interagem com suas crenças, tradições, atitudes e valores, o enfoque se dá nas relações sociais e ao significado atribuído aos fatores.

Em suma, a pesquisa qualitativa corrobora para a compreensão de diferentes manifestações da realidade construída socialmente (Minayo, 2002). Tal posicionamento está em consonância com o que é discorrido pelo Construcionismo Social, perspectiva utilizada/selecionada para embasar o presente projeto de pesquisa. Na perspectiva construcionista, o pluralismo radical é utilizado para apontar que há acordos sociais que são capazes de construir realidades, e portanto, não há uma realidade universal, essa, é

(re)criada a partir de um contexto, o mesmo conceito exemplifica que não há uma verdade generalizada, é preciso considerar as especificidades advindas do contexto histórico cultural.

O Construcionismo Social é uma abordagem da Psicologia Social crítica, que questiona como se entende a produção de conhecimento, se opondo a premissa de uma possível universalidade e crenças em verdades absolutas. Essa perspectiva se preocupa em como os sujeitos apreendem a vida e dão conta de interagir, explicar e discorrer sobre o mundo.

Guareschi (2008) então, salienta que o Construcionismo Social tem dado outro direcionamento para as pesquisas em Psicologia Social, visto que percebe sujeito e objeto a partir de uma perspectiva histórico cultural, aposta na linguagem e faz das práticas discursivas um direcionamento que propicia a virada linguística e se opõe à ideia de um conhecimento ou realidade universal, dialogando diretamente com a produção de sentidos.

Encontrei no Construcionismo Social respaldo para dialogar com as questões raciais, já que dialoga com questões de gênero, identidade, interseccionalidade e racialização a partir de uma perspectiva que dá enfoque na linguagem e o discurso enquanto produtor da realidade. Do mesmo modo que se opõe a universalidade na produção de conhecimento, tenho então nessa perspectiva da Psicologia Social crítica, um aparato teórico metodológico que permite uma reorganização epistemológica.

Para interagir com as inquietações e anseios com a temática da escrita de mulheres negras, a partir de uma perspectiva Psicossocial, cabendo o resgate dos objetivos propostos a priori.

Como objetivo geral: Analisar se a Escrivência pode ser um fator de produção de saúde mental para mulheres negras, e como objetivos específicos: 1) Discorrer sobre a literatura feminina negra a partir de uma ótica psicossocial, 2) Contribuir com novas formas de pensar a produção de conhecimento e saúde mental e 3) Levantar o questionamento epistemológico e contribuir para a construção de uma Psicologia antirracista.

Audre Lorde (1984) faz uma provocação, reforçando que o silêncio não protegerá mulheres negras, e, portanto, se faz necessário transformar o silêncio em linguagem e ação. Tal provocação se relaciona diretamente com o que o Construcionismo Social, nomeia enquanto práticas discursivas, visto que para essa perspectiva crítica, o discurso

propicia que a linguagem crie realidades. Como pontuado por Spink (2010) práticas discursivas são condutas nas quais os sujeitos fazem uso da linguagem para corporificar sentidos e se posicionar frente às interações em sociedade.

Dentre as possibilidades de produção de conhecimento em Psicologia Social, a Escrivência se faz como uma importante ferramenta, já que propicia uma subversão no modo de produzir conhecimento, trazendo a partir da arte da escrita as vozes de mulheres marginalizadas, construindo então uma técnica de intervenção e pesquisa que se constrói primordialmente a partir da aproximação com histórias, permitindo que mulheres negras sejam protagonistas de suas narrativas (Soares e Machado, 2017). Diante disso, Borges contextualiza a partir de Evaristo:

Conceição Evaristo, ao adotar uma expressão que deita raízes no universo literário, acaba por nos ofertar um operador teórico e metodológico capaz de edificar formas narrativas que se espriam nos códigos digitais e materiais. Escrivência solda, com densidade poética e realismo cotidiano, corpo, condição social e experiência, tripé que vem sendo utilizado para as disputas de narrativas na contemporaneidade. A reivindicação por representação e representatividade passa, necessariamente, por essa trindade consagrada pela escrivência. (Borges, 2020, p.202)

A Escrivência é uma escrita que se transmuta em aparato conceitual-metodológico capaz de abarcar as narrativas dos excluídos, visto que compreende a importância das diversas formas de linguagem na construção de memória e história. A partir do entendimento da linguagem como ferramenta formativa do ser humano, as Escrivências apresentam uma outra perspectiva de observação e análise do mundo, promovendo a interlocução de códigos entre a escrita, fala e gestualidade, permitindo a performance de sentidos e construção de horizontes discursivos. (Borges, 2020).

A tentativa de compreender a Escrivência a partir da perspectiva construcionista, pode dialogar com o que é trazido por Nogueira (2017), que entende que ter um comprometimento com a justiça social, só é possível a partir de um posicionamento político que seja de cunho transformador. É urgente que a discussão levantada por mulheres negras esteja nos espaços formativos, visto que essas vozes e histórias são potentes mecanismos de construção do pensamento e da reflexão crítica (Silva, Farias, 2021).

Com isso, a Escrivência como ferramenta que propicia o recontar da história de mulheres negras, se relaciona diretamente com a crítica construcionista, em que Gergen & Gergen (2010) salientam que não há uma verdade absoluta, um padrão de

conhecimento que deva ser considerado único ou superior aos demais, há formas de compreender a realidade, e estas são compartilhadas e recriadas socialmente.

De acordo com Spink (2010) a pesquisa realizada na perspectiva construcionista, dialoga com os conhecimentos cotidianos, enfatizando a maneira na qual as pessoas se relacionam com a produção de sentido e as questões resultantes do contexto na qual estão inseridas. A partir disso, há o posicionamento de desnaturalizar tais construções do cotidiano, visto que a construção de sentidos não é encarada como naturais e fixas, portanto, isso exige que a pesquisadora construa possibilidades metodológicas para interagir com o campo de pesquisa.

Caminhar pela pesquisa qualitativa a partir da perspectiva do Construcionismo Social, é contemplar sujeitos como atores sociais, em que constantemente agem sobre o contexto no qual estão inseridos, transformando-o e sendo transformados por meio desse movimento interacional. Nessa forma de fazer ciência, se busca o distanciamento de uma lógica binária e dicotômica, como por exemplo, entre o individual e o social, entende-se que não se tem um sujeito ou questão que esteja alheia ao contexto social e por isso, as visões de mundo precisam ser compreendidas como multifatoriais (Justo et al, 2010).

No Construcionismo Social, a centralidade na linguagem culmina no entendimento de que esta não somente descreve a realidade, mas tem a função de agir sobre ela, modificando-a. Trabalhar com a transformação da linguagem em ação destaca o processo no qual ocorre a produção de sentido, dando aparato para que os sujeitos se coloquem frente às demandas cotidianas. (Spink, 2010)

No que se refere a violência simbólica que acomete a existência de pessoas negras, o racismo pode ser entendido como um sintoma do social, que se (re)cria a partir da linguagem, indo de encontro ao que é pontuado pelo Construcionismo, que defende que a linguagem constrói a realidade. Logo, o apontamento do racismo enquanto etno semântico, indica que ele não se funda a partir de características biológicas, se dá por meio da interpretação realizada a partir dessa diferença de fenótipos. De acordo com Menezes et al (2022) a problematização da raça, metamorfoseou-se em uma “categoria etnosemântica”, isto é, da palavra.

Como apontado, na perspectiva Construcionista há o entendimento de que levantar verdades absolutas ou se utilizar de categorias fixas para entender a ciência e a sociedade é uma forma reducionista e generalizante de interpretação do mundo. Estudos feministas realizados a partir dessa perspectiva apontam uma recusa aos discursos que

englobam a mulher ou todas as mulheres em uma categoria única, visto que há uma multiplicidade de identidades. (Nogueira, 2001).

A partir da escuta e observação da pesquisadora por meio da inserção em espaços artísticos, e convivência com pessoas negras, as experiências se tornarão Escrevivências, que como comentado por Felisberto (2020) é uma escrita que permite uma reparação epistemológica, haja vista a construção de outras latitudes teóricas, que focaliza na escrita em primeira pessoa, protagonizando a autoria no texto. Essas escritas dialogam, portanto, com o corpo, dando espaço com as palavras para o que perpassa pelo visceral.

A Psicóloga e pesquisadora que decide manejar a partir da aproximação com narrativas como a cultura, o contexto e a produção de sentidos influencia no compartilhar dessas histórias, sendo esses, direcionamentos que vão além de regras ou vocabulários de uma língua (Brandão e Germano, 2010)

Em concordância com Medrado e Jesus (2018) as narrativas são capazes de construir o mundo, a partir disso, entende-se a possibilidade do sujeito construir a si mesmo a partir das auto narrativas. Portanto, o trabalho com narrativa propicia que a pessoa pense a si e o mundo, se empenhando em escolher qual direcionamento dará para sua história; a apropriação sobre as narrativas insere a pessoa em posição de sujeito. (Oliveira, Satriano, 2014)

Além das narrativas se tornarem uma ferramenta que fomenta a possibilidade na compreensão da visão de mundo construída pelas pessoas, torna-se também uma forma de compreender os fenômenos psicossociais. É possível perceber a partir dos anos 70, um maior investimento nas pesquisas em humanidades sobre narrativas, nos estudos delineados a partir de um viés psicossocial, para além do reducionismo a um objeto de investigação, promove o repensar das atuações em linguagem, corroborando para que novas alternativas de pensar a aproximação com os sujeitos sejam construídas metodologicamente, fazendo a interlocução entre científico e cotidiano, considerando a realidade cultural. (Brandão e Germano, 2009).

Como discorrido por Medrado e Jesus (2018) deslegitimar determinadas narrativas, ou silenciá-las, pode danificar a identidade de grupos, promovendo a manutenção da marginalização de determinados sujeitos, contribuindo para um possível adoecimento psíquico. No processo de narrar histórias, se elucidam aspectos simbólicos e subjetivos, em que não se desloca do material. Com isso, faz-se importante compreender que a experiência é uma forma de corporificar o simbólico, e é a partir desta tessitura que os fatores sociais se inscrevem. (Nogueira et al, 2017)

As Escrevivências se caracterizam como uma metodologia ética de pesquisa, que compreende a escrita como uma das facetas de/da resistência, visto que não reduz as mulheres negras a somente sujeitas que serão utilizadas enquanto objeto de pesquisa, mas sim, compreende tal população como protagonistas de suas histórias, enaltecidas dentro da pesquisa, e conseqüentemente, da produção textual. Portanto, além de ser uma ferramenta investigativa, de produção de conhecimento e posicionamento, permite que a experiência da autora seja utilizada como uma forma de viabilizar experiências que mulheres negras experienciam. (Soares e Machado, 2017)

Escrevivências são uma iniciativa que propicia interrogar, questionar e compartilhar incômodos, resultante do protagonismo de mulheres negras nas narrativas, permitindo que experiências de mulheres historicamente silenciadas e com suas histórias de vida consideradas sem legitimidade, tenham na escrita um lugar de possibilidades de trazer o corpo, os afetos e as dores. (Queiroz, 2022)

Lemos, Nascimento e Galindo (2016) salientam que para a Psicologia, a escrita inclui marcas, hesitações, silêncios, propicia o diálogo, problematização de contextos e partilha de experiências. Homologar a existência de autoras negras implica no encargo de contribuir para a produção de subjetividade, em um movimento de resgatar a si a partir da apropriação de suas narrativas, corroborando para o desenvolvimento em âmbito social e emocional da população negra (Soares e Machado, 2017).

A Escrevivência é uma ferramenta importante de transgressão de forma de produzir a escrita acadêmica, constituindo como uma escrita que permite a reparação epistemológica e revolução na escrita acadêmica, inserindo as escrevivências como tão importante quanto os demais gêneros de textos acadêmicos, a partir do diferencial de convocar e reforçar o protagonismo de quem escreve. Por se tratar de uma forma de escrever que é social, para além de uma escrita que é somente textual, também é sensorial, evoca memória olfativa, transita entre o aconchego e dor, entendendo que expurgar a dor é uma possibilidade de se acolher e dar outro direcionamento pro presente. (Felisberto, 2020)

Se debruçar nas Escrevivências como possibilidade de produção de conhecimento é compreender que o conhecimento não está deslocado de um corpo que está localizado socialmente. É, portanto, se distanciar de uma possível neutralidade, apontando/reforçando/instaurando os determinantes sócio históricos que perpassam a construção desses saberes. Dessa forma, não se restringe à uma experiência que é puramente individual, mas que evoca uma enunciação coletiva, permitindo que a partir

das experiências compartilhadas, o manuseio das narrativas possa resultar na Escrivência como um trabalho intelectual. (Silvia e Carrieri, 2022)

A narrativa se apresenta como construção social na experiência humana enquanto sujeitos sociais, possibilitando que a multiplicidade de vivências se resulte em linguagem, e é por meio desta que o mundo é sentido e descrito. A linguagem permite que seja compartilhado a leitura que se faz da vida (Justo et al, 2010)

4.1 A auto etnografia como ferramenta metodológica

“Eu sou quem descreve minha própria história e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político” (Kilomba, p.28, 2019)

“Mas o que dizer do “conflito” entre poesia e teoria, entre suas esferas aparentemente separadas e incompatíveis? Disseram-nos que a poesia expressa o que sentimos, e a teoria afirma o que sabemos; que o poeta cria a partir do calor e do momento, enquanto teórico, é, inevitavelmente frio e racional; que a poesia é arte e , por isso, experimentada “de forma subjetiva” enquanto teoria é urudição, considerada confiável no mundo “objetivo” das ideias. Disseram-nos que a poesia tem alma e a teoria tem mente, e que precisamos escolher entre elas. (Bereano, 1983, p.12)

Enquanto inserida na função de pesquisar, faz-se de suma importância entender que as mulheres negras não são mero objeto de estudo, e sim protagonistas de suas histórias e práticas, na vida e na presente pesquisa. Só será possível desenvolver o projeto a partir das trocas, e isso envolve uma postura empática e horizontal.

As escrituras serão escritas dentro de uma pesquisa etnográfica, que segundo Silva e Lima (2022) é uma ferramenta que compreende a importância da experiência pessoal como necessária para estudos socioculturais. A etnografia acopla o estudo das vivências emocionais e em comunidade, percepção interior (Silva e Lima, 2022).

Anos atrás conheci os diários de Carolina, ver como ela entendia sua escrita como uma ferramenta crucial para que se mantivesse vivendo, pulsando entre revoltas e anseios, e reforçando o direito de se dizer escritora, me inspirou profundamente, a admiração, respeito e carinho por tudo que ela foi, fez e representa, são imensuráveis. A partir da aproximação com a literatura de autoria negra, encontrei outras narrativas possíveis, me vi como protagonista da minha história e passei a me reconhecer como escritora, entendendo minha escrita como legítima para o campo da literatura.

O interesse em saber o que tem “por trás das coisas” (nome de um antigo blog meu) sempre me motivou, sei que a palavra é uma forma de compartilhar o que compõe a existência, e a escrita se faz como um caminho para externalizar o que muitas vezes parecia indizível. Pelo enfoque nas narrativas e a escuta do viver, vejo a Psicologia e a Literatura como complementares.

Quando ouvi da banca qualificação que deveria inserir na pesquisa meus relatos, juntamente com a sugestão de me inspirar nos diários de Carolina, em “Quarto de despejo” foi um misto de empolgação e alívio. Sabe-se que construir um trabalho dentro das normas exigidas academicamente, frequentemente implica na poda de subjetividade, como reitera Anzaldúa (2009), eles queriam nos conter com as regras da academia, e como nos lembra a chicana, escrever em primeira pessoa é se manifestar contra a imposição do silêncio.

Gonçalves (2014) salienta que Carolina sempre teve consciência de que sua escrita não se restringia a revolta, tampouco era só um pedido de socorro, e sim a forma que encontrou para compreender e lidar com sua existência e tudo que a permeia. Assim como minha xará, compreendo minha escrita como multifacetada e carregada de possibilidades, pode ser agressiva, mas também é sensível, declamo dores e amores, me vingando das injustiças e da repressão, me faço viva em letra por letra.

A presente pesquisa se utiliza da auto etnografia, metodologia que por vezes ainda causa estranhamento dentro da academia, haja vista neutralidade científica que se preza na lógica de ciência positivista. Esta dissertação é fruto de experiências compartilhadas, resultantes da memória, da dor e do amor, a partir do meu “olhar psicossocial”, faço desse trabalho a interlocução entre corpo e território. Apesar dos relatos em primeira pessoa, é possível perceber experiências que são coletivas. Para os construcionistas o conhecimento se dá sempre a partir do coletivo, apesar do texto estar em primeira pessoa, é necessário compreender que há outras vozes que participam da minha escrita.

A etnografia tem origem nas ciências sociais e é entendida como método de pesquisa que valoriza a dimensão sociocultural dos acontecimentos estudados, a auto etnografia, é, portanto, um aparato de investigação que discorre da memória como ferramenta crítica (Santos, Biancalana, 2017). Essa metodologia nasceu a partir dos anos 70 e a priori foi associada aos estudos de grupos em que o investigador estivesse inserido na composição grupal. Com o passar do tempo a auto etnografia foi se atualizando até que oportunizou que as experiências da pesquisadora sejam incorporadas na pesquisa

como uma forma de promover análises dentro de um contexto socio cultural (Silva e Oliveira, 2021)

A auto etnografia se embasa na possibilidade de compreender contextos sociais e históricos a partir de uma trajetória individual, a experiência de quem narra é utilizada como forma de descoberta para conhecimento que perpassam por contextos históricos, geográficos e epistemológicos (Silva e Euclides, 2024)

Em resumo, a auto etnografia é um método de pesquisa que 1) se utiliza da experiência pessoal da pessoa pesquisadora para descrever elementos culturais, práticas e experiências; 2) identifica e aprecia a relação da pesquisadora com as demais pessoas envolvidas na pesquisa, e 3) objetiva uma intensa e cautelosa auto reflexão, apostando na reflexividade como forma de pontuar e questionar o cruzamento entre o pessoal e político, sujeito e social. (Santos, 2017). Nisso, há o diálogo direto com a Psicologia Social

A auto etnografia é um direcionamento que dá espaço para a expressão da subjetividade, emoção e perspectivas da pesquisadora. De forma ampliar a compreensão dos assuntos abordados/investigados, contribuindo para que não haja definições rígidas e universais, proporcionando uma pesquisa mais significativa em relação a aproximação entre pesquisadora e tema/campo, se apegando no aspecto político e cultural (Santos, 2017)

Assim como disse Carine (2024) em seu livro “Querido estudante negro”, foi extremamente custoso construir a compreensão de que sou uma intelectual, cientista e escritora, então “tornei-me a intelectual negra que não encontrava, e isso se deu pela lógica do espelho quebrado, ou talvez, até pela lógica de ausência do espelho” (Carine, p.132, 2024). À medida que posso me aproximar da minha negritude na escrita, seja ela acadêmica ou não, me sinto dando espaço para existir e me fortalecer.

Concordo com Evaristo quando disse que a escrita é uma forma de não adoecer emocionalmente, assim como ela, tenho na escrita o contorno que faço nas angústias, no racismo, escrevo para me libertar, mas como escrevi em uma poesia, “não vamos ser resumidos a dor, nosso povo fala de amor.” Com isso, escrever a pesquisa em primeira pessoa, não somente restringindo ao conhecimento acadêmico, mas sobretudo, fazendo a escrevivência circular, tem sido crucial para o desenvolvimento da pesquisa.

Já que tem sido apresentado esse conceito-ação para novas pessoas, dialogando com a comunidade e vivendo a pesquisa. Esse movimento de escrever me levou para muitos espaços físicos e simbólicos. Estive em rodas de conversa, palestras, eventos, dei

entrevistas da rádio ao jornal e pude estar presente no primeiro evento que dialogou sobre escriturinhas na capital do Mato Grosso do Sul.

Como sugerido por minha orientadora, nos eventos e relações, deveria exercitar meu “olhar psicossocial”, para que posteriormente pudesse discorrer na pesquisa. Nesse direcionamento, Spink et al (2014) registram que exercer a observação na perspectiva construcionista não diz respeito a ânsia de desnudar uma verdade, muito menos objetiva esgotar todas as informações sobre o tema estudado. O interesse se dá na intenção de estabelecer diferentes maneiras de aproximação entre a pesquisadora e interlocutores, no intuito de compreender e interpretar os sentidos produzidos.

Essa pesquisa discorre de uma escrita realizada em primeira pessoa, dando ênfase ao meu posicionamento crítico-político, embasada em epistemologias feministas negras em uma ótica afrocentrada, assim como Bispo (2021) que aposta nas Escriturinhas e aquilombamentos como forma de (re)existências.

Meus registros de observação se transformaram em relatos auto etnográficos que segundo Spink et al (2014) para os construcionistas, a observação cotidiana representa uma prática que é social, dialógica e reflexiva, é uma pesquisa que emerge no cotidiano. Portanto, é um fazer em pesquisa que envolve diretamente tanto as colaborações da pesquisadora quanto dos sujeitos envolvidos nos eventos cotidianos.

Também como uma categoria de registro em pesquisa, a Escriturinha passa a ser compreendida como uma maneira de viver a pesquisa e a intelectualidade, por meio do pertencimento da pessoa negra. Que se torna possível a partir da interlocução entre o teórico, metodológico, pensar, conviver, escrever e oferecer a comunidade.

Por meio da minha dissertação, me percebo elaborando constantemente a violência racial que sofri dentro e fora da academia. Me vejo conjugando o verbo esperar. Estou enegrecendo cada vez mais a minha história e trajetória profissional, compreendo a minha pesquisa como uma grande carta de amor, para mim e para os meus. Parto do mesmo pressuposto de Hooks ao recorrer a teoria como lugar de cura, segundo a autora:

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2013, p. 83).

Gama, Raimondi, Barri (2021) nos mostram que à medida que escritoras negras como Conceição Evaristo, Lélia Gonzalez, Audre Lorde e Bell hooks trazem suas histórias para a literatura popular e científica, desafiam as normas academicistas, que postulam a necessidade de uma escrita supostamente neutra, objetiva e distante. Propondo então diálogos com corpos e lugares sociais, desmistificando a ideia de um sujeito universal e se distanciando de padrões eurocêntricos.

Com o intuito de construir uma autoetnografia que seja racializada e engendradora, foi criada a Black Feminist Autoethnography (BFA). Euclides e Silva (2022) apontam que Salters (2016) afirma que BFA é uma forma de dar luz a história da vida de mulheres negras, corroborando para tais histórias sejam compreendidas a partir de aspectos teóricos e metodológicos.

A auto etnografia feminista negra é uma abordagem metodológica e epistemológica que aproxima narrativas que são pessoais a análises sociais e políticas, tendo como ponto de partida a utilização das vivências para criticar estruturas de opressão como o racismo, o sexismo e a colonialidade. Embasada no que é pontuado por feministas negras, torna-se uma iniciativa a fim de descolonizar os saberes acadêmicos, enaltecendo vozes marginalizadas historicamente. Dessa forma dando espaço para a valorização de vivências particulares como ferramentas legítimas de produção de conhecimento. A auto etnografia feminista negra dialogada pode se revelar um instrumento teórico, metodológico e político para trazer à tona vozes de mulheres e seus múltiplos atravessamentos (Euclides e Silva, 2024).

Gonzales (2020) salienta que falar do Brasil, é discorrer sobre o 2º país com a maior população negra, ficando atrás somente da Nigéria. É, portanto, falar de um país, que mesmo com as tentativas de embranquecimento, é culturalmente negro” (Gonzalez, 2020). Ao dizer que o Brasil é culturalmente negro, Lélia fala sobre a construção da música, dança e linguagem a partir da influência direta dos elementos africanos. Reforçando que mesmo com a tentativa de epistemicídio e embranquecimento da população negra, há a resistência em manter viva a história e cultura do povo negro.

Lélia ao falar sobre a língua portuguesa, opta por chamar de “Pretuguês”, por considerar a africanização da língua falada no Brasil e utilização de várias palavras que vieram dos dialetos africanos. Para ela, o Brasil faz parte de uma “América Ladina”. Por isso, ao racializar minha escrita, acredito estar construindo uma auto etnografia que dialoga com Lélia pontuou como Pretuguês.

Capítulo 5. Escrevendo

Se quer ir mais rápido, vá sozinho. Se quer ir mais longe, vá em grupo. Provérbio africano.

5.1 Gerando recomeços a partir da escrita

Minha aproximação com a escrita e a leitura começa desde criança, com o incentivo da minha família, meus pais e tias sempre nos davam livros, de gibis a fábulas eu me mantinha entretida e estimulava minha criatividade, a escrita veio nesse mesmo período por meio de diário e caderno de poesias, como uma forma narrar as experiências para lidar com o que sentia e acontecia no meu dia. Assim como diz Evaristo, eu não nasci rodeada de livros, e sim de histórias. Como parte de uma família extensa, aprendi desde cedo a escuta e ter apreço por histórias.

À medida que fui crescendo, a escrita ia me acompanhando, e assim escrevia as coisas que gostaria de ler, que precisava entender, fui criando com a escrita o abraço que muitas vezes não tive, vi meus exageros virarem poesia, e assim fui me sentindo menos sozinha ou deslocada. Como membro de uma família interracial, aprendi desde cedo a observar a negritude e humanizar as mulheres negras da minha família.

Quando penso em escrita, penso em amor, no berço das minhas escrituras. tem uma família que sempre me mostrou que o amor é a maior pedagogia, e então me declaro uma eterna estudante. Lembro de estar perambulando por uma loja daquelas que tem de tudo um pouco, e me deparar com as sessões de diário, fiquei um bom tempo observando aquele objeto que parecia um lugar seguro para existir.

Estava em companhia da minha tia e lembro de ter pedido para que ela me desse o diário de capa bonita e folhas coloridas que havia me encantado. Quando minha mãe soube, me deu uma bronca, reforçando que não deveria ficar pedindo coisas para os outros, mas o importante é que funcionou, no dia das crianças o diário estava nas minhas mãos, e ali, com oito anos de idade, entendi que as palavras me fariam companhia para toda a vida.

Aprendi a falar sobre meus dias, compartilhar minhas conquistas e angústias, marcar datas importantes e declamar paixões. A escrita me permitia entender o que estava sentindo. Além de escrever, fui cultivando cada vez mais o interesse pela leitura, meus pais e minhas tias sempre davam a mim e ao meu irmão gibis e fábulas, minha mãe ficava horas sentada no sofá lendo livros de romance, e meu pai os jornais físicos. As feiras literárias e bibliotecas eram muito mais interessantes que qualquer parque de diversões, eu que tenho medo de altura, adentrando nas histórias dos livros, podia voar sem sair do lugar.

Me lembro da primeira palavra que li, estava no carro com meu irmão e meu pai, minha mãe estava na loja, pedi pro meu pai ler o nome do estabelecimento e ele disse “lê você”, com esse ultimato-incentivo, lentamente fui juntando as sílabas, quando terminei, numa euforia infantil, de alguma forma entendi que a escrita além de ser a forma de ler o mundo, me daria coragem para seguir com meus objetivos.

Sempre gostei de observar minha mãe lendo os livros de romance que costumava comprar nos sebos, sentada no sofá ela sorria e se emocionava com as narrativas. Quando terminava, os trocava com as irmãs, os livros aproximavam mulheres adultas que gostavam de ver romance na vida, inspirando uma criança a gostar de poesia, a ponto de escrevê-las em um banheiro na escola.

Embora minha mãe não mais os leia, eu continuo lendo sua sensibilidade. Entre ensinar a ler, fazer contas, ajudar nas tarefas de casa, o maior ensinamento é ver na presença e no exemplo o exalar do amor. Dentre todas as tarefas já realizadas, acho que o que mais aprendi, foi amar, agradeço a minha mãe, meu pai e meu irmão por serem ótimos professores.

À medida que ia crescendo, as feiras de livros infantis se tornaram minha colônia de férias, adorava transitar entre os corredores cheios de livros e escolher um que com muita cor, desenhos, e significados, seria minha companhia pelos próximos dias. Entre fábulas e crônicas, questionamentos morais e felizes para sempre: meu interesse na leitura, nas palavras e na vida. Lendo o mundo, aprendi a dizê-lo a partir da minha interpretação. Lembranças, questionamentos, paixões, angústias, começos e fins eram retratados em folhas coloridas, em um movimento de alguém que decidiu colorir a vida com as palavras.

A biblioteca da cidade do interior de São Paulo, e da escola pública que eu estudava, se tornaram meus lugares favoritos, transitar entre as prateleiras em busca de algo que me cativasse era um dos meus hobbies favoritos, e quando os achava,

prontamente sentava no chão em um anseio de não perder tempo, e imediatamente me debruçar no universo dos personagens. Na adolescência, passava horas nas bibliotecas procurando livros de romance, passava os olhos atentamente nas estantes, e deixava a mão aberta para folhear histórias que pouco se pareciam com as minhas.

Nenhuma das personagens eram negras, tampouco as autoras, sobretudo nas narrativas de amor, tendo pouca ou nenhuma referência, comecei a escrever as minhas, em textos sobre auto estima que tecia na tentativa de ver valor nos meus traços negroides, e meus amores que muitas vezes só existiam na poesia, quanto mais velha fui ficando, mais entendia que tinha a escrita como companhia, como forma de auto suporte, posicionamento e abrigo, em letra por letra construí o meu lugar seguro. E assim, uma criança, adolescente e mulher negra teve nas palavras uma forma de se inscrever no mundo.

Assim que entrei no curso de Psicologia, senti minha expressão sendo podada, tudo era tão cheio de teoria e regras que não parecia sobrar espaço para se expressar livremente, levei tão a sério a exigência da nossa profissão de ter que olhar e cuidar do outro, que achei que não era mais importante fazer esse mesmo movimento para mim. Eu que anteriormente fotografava, divulgava meus textos e vídeos, me sentia cada vez mais distante da arte, e conseqüentemente, de mim. É fato que na lógica acadêmica, frequentemente a teoria se sobressai a subjetividade, e na lógica de pesquisa com uma escrita regrada, metódica, objetiva, não parecia ter espaço para ser quem eu era.

O que eu escrevia não parecia caber nessa nova realidade, conheci a escrita acadêmica e minhas vivências não pareciam interessantes a esse universo epistemológico. Conforme fui adquirindo ainda mais consciência racial, fui percebendo que dentro da grade curricular poucos autores negros ou diálogos sobre questões raciais eram trazidos para a Psicologia. Fator que foi me deixando mais frustrada, triste e reprimida, então deixei a minha escrita de lado, e construí um repertório acadêmico embasado no que pensadoras e pensadores negros diziam.

Por meio do incômodo, construí um novo referencial a partir de estudos extra sala, já não parecia de interesse dos professores trazer outras perspectivas além do que diziam teóricos brancos, então desde o começo da faculdade me muni da indignação em prol do compromisso de racializar meus estudos e prática. Fui membro do Centro Acadêmico, do Programa de Educação Tutorial, ajudei a organizar eventos, debates, trabalhos, e incansavelmente tentei abordar sobre a temática negra em todos os espaços que pude acessar.

Além disso, por sofrer racismo desde pequena e compreender que as oportunidades eram diferentes para mim, tive nos estudos a forma de tentar compensar minha negritude, vindo de uma família interracial, cresci com o movimento de outras pessoas me mostrando que eu não era tão bonita, bem quista e respeitada igual o restante de meus familiares brancos. Então sempre entendi que precisava ser estudiosa, assim como Lélia Gonzales compartilhou “a única saída que eu encontrei para superar estes problemas (do racismo) foi ser a primeira aluna da sala. É aquela história, ela é pretinha, mas é inteligente”

A partir disso, é possível perceber o movimento de tentar compensar a negritude por meio do bom desempenho nos estudos, como se ser inteligente pudesse em alguma medida a fazer se esquivar da violência racial. Com isso, há a imersão em um processo de desumanização, pautado na auto cobrança e necessidade de performar um estereótipo. O racismo é causador de adoecimento psíquico, fazendo com que dores subjetivas tenham origem social. Quantas mulheres negras se veem inseridas nessa lógica de auto exigência de si, como forma de tentar driblar o sistema racista?

Certa vez, estava com a camiseta da faculdade no mercado, me aproximei dos carrinhos para dar início às compras e um senhor do meu lado esboçou “o que essa coisa está fazendo na Psicologia?”. Foram tantas camadas de violência, que fiquei completamente sem reação, a desumanização de me chamar de coisa, de enfatizar que a Psicologia não era o meu lugar, de falar com tanta naturalidade, tudo isso me afetou profundamente e ainda dói quando lembro da cena. Frequentemente sentia que a Psicologia não era meu lugar, seja pela falta de referência de teóricos negros na nossa formação, ou por ver poucas Psicólogas negras próximas a mim, e assim perceber cada vez mais que é uma profissão ainda muito branca e elitista.

Outrora, em um episódio da graduação, participei da conferência municipal de saúde, em Dourados, era estagiária de políticas públicas e ao levar propostas para a população negra, fui vaiada por um auditório cheio, com a premissa de que somos todos iguais e por isso não precisaria pensar em ações específicas. No primeiro ano da faculdade, um professor passava lista de presença e eu que sempre sentava na primeira carteira decidi em um dia qualquer sentar no fundo com as minhas amigas, assinei a lista de presença como de costume, e por ele não ter me visto no lugar de sempre, me acusou de não ter ido, e solicitado que alguém assinasse em meu nome. No auge de seu privilégio enquanto homem europeu, não hesitou em me chamar de mentirosa e

constranger repetidas vezes na frente de uma sala de aula com mais de sessenta pessoas, dizendo que toda a turma seria punida por um erro que eu cometi.

Mesmo com várias tentativas de diálogo e explicação ele permanecia irreduzível, pedi para que pudéssemos olhar a câmera de segurança, mas não tive nenhum retorno, a partir disso comecei a ter crises de ansiedade antes de ir para a faculdade, chorava constantemente com medo de prejudicar a turma por algo que eu nem tinha feito, o assunto só foi encerrado (para ele) após a turma fazer um abaixo assinado dizendo que eu estava na aula. Nenhum pedido de desculpas foi esmiuçado, não que fosse amenizar toda a dor e constrangimento que causou, mas acredito ser o mínimo. Frequentemente fui a única negra nos espaços, a única que levantava a pauta racial e era acusada de “levantar bandeiras” ou ser chata.

Quando vinham os ataques, sempre me perguntava o quão fácil era para as pessoas me constranger, me acusar e deslegitimar, sem nenhum tipo de cuidado. Depois de formada, os ataques racistas continuam acontecendo em situações que demonstram que eu não deveria estar no mesmo espaço ocupado pela branquitude, estou contrariando o sistema e a lógica racista. É um constante e cansativo processo de ter que me afirmar, resistir e lutar para estar nos espaços e exercer a profissão que escolhi para a vida.

5.2 Meu avô é analfabeto e eu sou escritora, eu sou os sonhos dos meus ancestrais

Era pandemia quando vi a palavra Escrevivência pela primeira vez, estava à toa nas redes sociais e a junção de palavras me chamou atenção, achei revolucionário quando ouvi Conceição Evaristo, a criadora desse conceito-ação explicar suas motivações para fazer o que se tornaria uma revolução na Literatura. Quanto mais lia os textos dela, compreendia sobre as potencialidades dessa ferramenta literária.

Fiquei encantada, mas mais do que isso, me senti representada e validada, como se tudo passasse a fazer mais sentido. Reli o que já escrevi e percebi que desde criança, estive ali, tecendo Escrevivências, não precisava mais me sentir tão destoante, a escrita me faz sujeito, protagonista da minha própria história, eis aqui uma mulher negra escrevendo, compromissada em enegrecer as palavras, são narrativas que perpassam diretamente pela condição como mulher negra, assim como reitera Conceição.

Estava há anos sem me dedicar à escrita pessoal, mas pela necessidade esse hiato foi interrompido, retornei as palavras como se elas nunca tivessem saído de mim. Estava no processo de análise, e minha analista me fez entender o caráter terapêutico da escrita,

além de me incentivar a continuar escrevendo, nesse momento me entendi escritora. A partir disso, compreendendo o caráter terapêutico e político da escrita, fiquei ainda mais encantada pelas Escrevivências, voltei a escrever no diário, passei a encher também pastas no notebook, e fiz um perfil no Instagram para compartilhar meus textos.

Não conhecia muitas escritoras negras, confesso, mas desde que conheci Conceição, me abriu um leque de possibilidades, no meu cânone literário, são elas que são reverenciadas, é na literatura afro brasileira que busco minhas referências. Gosto de como é uma escrita que nos humaniza, que dá espaço para todas nossas nuances, vulnerabilidades, medos, anseios, relações, simplicidade e complexidade. Tecer Escrevivências foi o que me ajudou na pandemia, era minha forma de continuar com fôlego para viver, naquela época que respirar se fez tão difícil, seja pela iminência de uma doença que atingia o trato respiratório e pouco se tinham informação, ou pelas dezenas de crises de ansiedade que tive nesse período.

Nesse mesmo período conheci a escrita de Ryane Leão, que não me deixa esquecer que “ a mulher preta não é feita só de dor” (Leão, pág 12, 2019), a poeta cuiabana tem a escrita que discorre sobre autoconhecimento, amor próprio e ancestralidade. A partir do momento que conheci sua escrita, virei uma leitora apaixonada, diariamente visitava o perfil nas redes sociais para me emocionar e nutrir com suas palavras, quanto mais a lia, mais me via. Ela lésbica, eu bissexual, além de sua escrita intensa, me sentia conectada e representada pelo fato de ambas sermos mulheres que gostam de mulheres.

Sempre que possível, participava de suas oficinas de escrita e mentoria, lembro-me de que em um desses encontros, leu meus textos e disse que não há dúvidas de que sou escritora, mas precisava parar de ter medo de me expor, pois não há como escrever sem me encarar e me mostrar vulnerável. Foi então que entendi ainda mais quando Audre Lorde (1984) disse que seu silêncio não a protegeu e que meu silêncio não iria me proteger. De acordo com a autora em “Irmã Outsider”

Passei a acreditar, com uma convicção cada vez maior, que o que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser ferida ou incompreendida. A fala me recompensa, para além de quaisquer outras consequências. Estou aqui de pé, uma poeta lésbica negra, e o significado de tudo isso se reflete no fato de que ainda estou viva, e poderia não estar. (Lorde, pág 51, 1984)

Anos depois, na Noite da poesia, um evento organizado pela União Brasileira de Escritores do Mato Grosso do Sul (UBE-MS) na qual sou escritora associada, pude

encontrá-la pessoalmente para dizer que a partir de suas poesias, passei a me entender como uma possibilidade para escrita também. Me sentir representada e acolhida, foi um divisor de águas na minha vida, e desde nosso encontro pessoalmente, uso seus conselhos como pistas para seguir. Pois assim como comentou em uma foto nossa, “a escrita é força motriz dos bons encontros, siga ventando minha história..”

Grande é a lista de mulheres negras que li e leio para me nutrir, e como reitera Luciane Nascimento (2021) tudo nela (em nós, mulheres negras) é de se amar. Como a também poeta e acadêmica compartilhou em uma poesia nas redes sociais, que em sua pesquisa, fez o movimento de se apoiar na epistemologia discorrida por intelectuais negras como forma de decodificar pelas palavras as dores-trajetos da inserção em um cenário adverso, sendo a literatura negra “fonte de água que lava mágoas e as almas retomam o caminho ancestral de suas forças vitais” (Nascimento, 2023).

Da mesma forma que Nascimento (2023) me denomino como escreviente, já que a partir da escrita delas, fui me identificando, fortalecendo, e compreendendo que assim como minhas inspirações, eu também poderia ser uma escritora negra. Com o entendimento da escrita como suporte terapêutico e de posicionamento, decidi que investiria mais nessa ferramenta, por isso segui lendo e escrevendo mais, aos poucos fui conseguindo me autorizar a me colocar nesse lugar de escritora, com isso, mais pessoas foram me reconhecendo como tal. Depois de um tempo, ser psicóloga e escritora não parecia mais tão fora de cogitação, já não acreditava mais que precisava escolher entre uma ou outra opção.

Fui escolhida para ser oradora da turma, e apesar de ter escrito um discurso que consideramos como bonito, emocionante e completo, o processo até ficar pronto foi complexo, mas apesar do medo, eu sabia que precisava fazer isso, pensei nas poucas pessoas negras que tinha na minha turma, nas poucas profissionais negras que já conheci, então reuni coragem, eu precisava falar, era importante que a turma de Psicologia tivesse uma representante negra.

A pós-graduação sempre foi um desejo pra mim, entrei na universidade com o objetivo de me especializar o máximo possível, mestrado e doutorado sempre foram um sonho. Encaminhando para o final da faculdade, comecei a pensar no projeto de pesquisa, sabia que queria pesquisar sobre questões raciais, até que decidi que uniria minhas paixões, Psicologia e escrita, não tive dúvidas que deveria pesquisar sobre Escrevivências.

Durante todo o primeiro ano do mestrado, a pesquisa foi organizada a fim de responder o anseio de entrevistar mulheres negras escritoras, para compreender de que forma a escrita é influenciada pela condição de ser uma pessoa negra, de modo a observar se essa escrita pode ser uma ferramenta de enfrentamento ao racismo e produção de saúde mental. A qualificação foi realizada com esse projeto, que seguia em andamento no Comitê de Ética da UFMS, mas a cada parecer inseriam mais exigências.

A priori seriam realizadas entrevistas online com cinco mulheres negras escritoras, a fim de compreender como a tessitura de Escrevivências contribuem para a subjetividade e processo identitário de mulheres negras que escrevem, analisando essa configuração literária como uma possível ferramenta de enfrentamento ao racismo. Porém o processo foi interrompido devido ao manejo do Comitê de ética, visto que a cada retorno era solicitado novas solicitações para que as entrevistas pudessem ser realizadas, aumentando a lista de ajustes que não foi exposta anteriormente.

Toda vez que o processo parecia estar concluído, havia a adição de mais pendências não citadas anteriormente, por isso, após 3 retornos com solicitações diversas em cada um deles, optamos por repensar o direcionamento da pesquisa e interromper a tentativa de diálogo com o Comitê. Reitero que acho lamentável tornar inviável a realização de uma proposta que busca contemplar a população negra, que visa compreender mulheres negras não como objeto de pesquisa, mas como sujeitos de si e protagonistas de suas narrativas. As entrevistas iriam permitir trazer de forma mais detalhada e presente essas histórias para a epistemologia da Psicologia Social, a partir do entendimento da urgência de construir uma epistemologia antirracista.

Nos fazendo questionar a forma como uma pesquisa de cunho racial foi tratada, visto que outras pesquisadoras da turma não tiveram esse tipo de problema. Kilomba (2019) discorre que frequentemente, trabalhos sobre questões raciais são considerados interessantes, mas não científicos o suficiente, alegando ser subjetivo demais, emocional demais, pessoal e específico.

Tal situação me deixou bastante mobilizada emocionalmente; as inquietações, angústias e frustrações se fizeram presentes, foi necessário sessões de terapia e interrupção na escrita, até que conseguisse retornar a pesquisa novamente. Mas agora inserida na dinâmica de auto etnografia, considero a possibilidade de trazer minhas vivências para a escrita acadêmica como um ato político e revolucionário, sinto acolher a pesquisadora podada que fui anos atrás e acredito estar inspirando outras.

Com a escrita que transita entre o particular e o coletivo, atrelado à escuta e observação, as experiências da escritora são mescladas com as de demais pessoas negras que cruzaram meu caminho e o caminhar. O fio condutor da escrita dessa pesquisa se dá a partir do entendimento da necessidade de materializar as potências do quilombamento, haja vista a importância de estar em comunidade, fazendo das relações espaços para aprendizados e partilhas.

Para além de um território físico e fixo, na contemporaneidade, há outras formas de pensar em quilombo, tendo com desdobramento o quilombar, esse espaço simbólico de relações, trocas, encontros e aprendizados entre pessoas negras, em uma perspectiva afrocentrada e de resgate cultural. Para Azevedo e Jagun (2023) o quilombamento é compreendido enquanto um modo coletivo de existência negra.

As experiências que originaram os relatos auto etnográficos são resultantes de um movimento de quilombamento, que por meio do contato com outras pessoas negras, me (re)construo e experiencio outras formas de produção de conhecimento e cuidado, referenciando a comunhão percorrida na noção de Ubuntu.

O caráter comunitário do Ubuntu nos mostra que o ser humano é relacional e interdependente, devido à sua sociabilidade natural. [...]É nessa complementaridade com a comunidade que o indivíduo realiza suas possibilidades, expressando sua individualidade na formação de sua personalidade. É importante realçar que, na comunidade, não se coloca ênfase na posse individual, isto é, no ter do indivíduo, mas em seu ser em relação, em comunhão com os outros. (Dju e Muraro, 2020)

5.3 “A voz da periferia” | diálogo com Sérgio Vaz no Festival da Juventude na UFMS



Foto: Guta Lima

Na fotografia estou com Sérgio Vaz, poeta, agitador cultural e fundador do Sarau da Cooperifa.

PeriferiArte

O ditado diz que quem tem boca vai a Roma
 nossa literatura diz que vamos as favelas, quilombos e aldeias
 nossa palavra diz que somos as favelas, quilombos e aldeias.

Se a poesia te parecer distante
 Encha sua estante de
 Racionais e
 Sérgio vaz.
 Ouça a voz da periferia,
 veja que são um povo bonito e inteligente.
 saiba que se de dia tiver fome,

de noite vai ter poesia.
Em seu quarto de despejo
Carolina nos avisou .
As quartas feiras o sarau da Cooperifa anunciou.

A gente quer arroz, feijão e sonhos
Literatura, pão e poesia
com a arte sendo espaço de aquilombamento e empoderamento
as pessoas se fazem artistas na arte de ser.
Não vamos endurecer
Como disse Conceição:
Eles combinaram de nos matar
Mas nós combinamos de não morrer.
(Maria Carol, 2024)

Frequentemente via as poesias de Sérgio Vaz nas minhas redes sociais, lembro de me emocionar toda vez que “Vida loka é quem estuda” aparecia no feed, felizmente eu não era a única, já que ele é ótimo em fazer a gente se emocionar e refletir coletivamente. Eu sou cria de escola pública, tenho muitas memórias afetivas da minha mãe levando-me e ao meu irmão para a escola no ensino fundamental, era cerca de vinte minutos a pé, sempre parávamos em uma padaria lá perto para comprar pão doce, dois para cada, um comíamos no caminho e outro ficava guardado para o lanche.

No ensino médio, quem estudava no Marina (nome da minha escola) era chamado de pé vermelho, já que naquele bairro poucas ruas eram asfaltadas, então o barro e a poeira não nos deixavam esquecer de onde vínhamos. Ouvi desde criança que deveria me dedicar aos estudos, meus pais sempre me incentivaram e investiram como puderam para que eu tivesse uma boa relação com a aprendizagem, então a educação sempre foi pra mim uma máxima, um objetivo e esperança. Quando recebi a mensagem falando da proposta do Festival da Juventude, ainda estavam levantando possíveis nomes para o diálogo com o grande poeta, torci fervorosamente para que fosse escolhida, mas já estava imensamente

feliz por ter sido nomeada como possibilidade, foquei nisso para que caso não desse certo, a tristeza pudesse ser menor, já que a gratidão exercitaria sua função.

Dias depois, quando recebi a notícia de que tinha sido escolhida, saí pulando pela casa, chorava e sorria na mesma medida, dobrei os joelhos e agradei. Prontamente me debrucei em seus livros, ouvi várias entrevistas e podcasts, e a cada vez mais me sentia conectada e representada. Os vários projetos sociais, a infinidade de poesias, o sarau da Cooperifa, tudo que ele faz é tão político e revolucionário que eu não consegui não me sentir extremamente lisonjeada pelo convite.

Mas ocasionalmente, ao mesmo tempo que me preparava, me questionava: Por que eu? Quem eu sou para estar no palco com esse gigante da Literatura? eu que ainda não tenho nenhum livro publicado. Quando o medo e a autossabotagem vinham me visitar, eu procurava ler os textos dele, por mais dolorido que porventura alguns podem ser, ver como ele faz poesia virar colo, chegava a mim como acalanto, certas coisas se tornavam pequenas quando eu pensava em estar junto com alguém que me sinto tão representada. (claro que fazer terapia e escrever também me auxiliaram muito nesse processo).

Quando chegou aquele Domingo, o friozinho na barriga rapidamente foi substituído pelo quentinho no coração. Pensado em um possível roteiro, mas segui com o desejo de me abrir pro encontro. Quando ele foi me visitar no camarim, falou sobre meu cabelo ser uma coroa e elogiou meu sorriso. A conversa fluiu de uma forma tão leve que parecia que nos conhecíamos há anos, conversamos sobre suas intervenções nas escolas, início da escrita e como entende sua poesia atualmente, reforcei a importância de ele humanizar pessoas negras em suas poéticas e descobri que ao invés de ostentar riquezas materiais, ele gosta mesmo é de ostentar as amizades, sendo Conceição Evaristo um dos tesouros de sua vida.

Sérgio fez questão de enaltecer minhas falas e agradecer pela mediação, disse que eu poderia facilmente ter escrito a orelha de um livro seu, desde então se tornou um dos meus sonhos. Observar a plateia se emocionando e se sentindo contemplada me emocionou também, várias foram as lágrimas, sorrisos e abraços dados nesse momento, sei que naquele momento, vários jovens periféricos se viram como uma possibilidade para a literatura. Minha melhor amiga, uma mulher negra, que não tinha o costume de ler, desde então acompanha assiduamente o trabalho do poeta nas redes sociais, compartilhando com frequência suas poesias.

Naquele dia vi a poesia descendo do pedestal e beijando o pé da comunidade, e que presente ter feito parte disso. Me disseram que tinha que ser eu neste momento, não tinha como ser outra. Meses depois ainda ouço relatos emocionados desse momento, me parabenizando e saudando a sensibilidade que conduzi o encontro.

Nos versos de Vaz, a literatura periférica, em dissonância com a literatura tradicionalmente considerada canônica, traz à tona a diversidade de emoções humanas, incluindo aquelas vistas como comuns ou inadequadas. Esses textos literários acolhem a diversidade, abordando tanto o que é local e próximo quanto o que é universal e distante. (Gonçalves, 2020)

5.4 Vestindo ancestralidade e costurando elos: quilombamento e poesia na comunidade Tia Eva



Foto tirada por Lua Maria, fotógrafa do projeto Niara

Poesia “Afro Poéticas da cidade morena”

A cidade morena é território negro,
construída a partir de corpos retintos,
e benzida pelas ervas
que fizeram morada nas mãos da tia Eva.
povoada de gente com pele em tons terrosos:
enegrecer a história é permitir
que Campo Grande se torne ainda maior
pela atenção às narrativas.

Desbravar a capital
a partir do movimento
de escutar o interior da subjetividade negra,
é compreender a oralidade
enquanto ferramenta construtora de realidades.

Pelo cuidado com às histórias
conheço Campão a partir da escuta,
através de memórias alheias.

Peguei carona nas memórias
e vivi os terços na comunidade,

os forrós no clube da terceira idade.

Estive na festa de São Benedito,

nas rodas de samba e capoeira,

na feijoada que o terreiro organizou,

nas batalhas de rima que o bairro periférico alcançou.

De peito aberto

e olhos entusiasmados.

vejo a poesia emergir no cotidiano

naquele milésimo de segundo,

naquele centímetro de espaço,

que pessoas negras se reuniram

e construíram poéticas do aquilombamento.

Seja no auditório da universidade federal,

nas favelas, escolas e praças,

com as afros poéticas

observo a cidade morena pela perspectiva negra.

(Maria Carol, 2024)



Foto: Hannah Fotografia

Fotografia tirada no Festival Niara, na coleção Tia Eva, no primeiro feriado nacional do dia da Consciência Negra. Desfilei com o macacão que produzi e declamei a poesia Vestindo ancestralidade.

Poesia: Vestindo Ancestralidade

Eva Maria de Jesus,

cujo pés desbravaram o território para que pudéssemos estar aqui hoje

benzedeira, parteira, guerreira,

a sua benção.

vestindo ancestralidade,

mantemos a história viva,

olhamos para o passado como um mapa

para saber como seguir.

sankofa é mais que um símbolo adinkra, é ação.

é ir e vir, olhar e ouvir

é pista para construção de novas perspectivas de futuro.

nossos passos vêm de longe

Na coleção tia Eva

criamos nossa própria simbologia,

expusemos nossas raízes,

desenhamos ideias e ideais,

escutamos as memórias, estampamos as histórias, observamos os detalhes.

em peça por peça fomos tecendo a materialização das narrativas.

costurando retalhos e diálogos,

tem conceito em cada pedaço das vestimentas.

costuramos novas possibilidades de enegrecer a moda.

deixando a pele negra dialogar com cores e estampas

para que se possa vestir cada pedacinho de si com coragem.

expressar nossa existência é resistir.

no desfile da vida,

damos palco para a história que os colonizadores não contaram,

a moda é um convite a vestir identidades negras.

é preto ou negro? eles perguntam....

e depois de explicar que a população negra é composta por pretos e pardos,

ênfasis que somos gente,

gente que brilha

gente que sonha

gente que quer pão e poesia,

gente que luta

e que existe para muito além da labuta.

construímos nossa afro estima

A partir do orgulho estético,

tendo nossos traços contemplados e a beleza realçada

a moda vai celebrar a diversidade da nossa cultura.

nossa auto afirmação é um manifesto, não vamos mais nos esconder

somos pretos, pardos = N-E-G-R-O-S, negritas

nosso corpo é um quilombo

e em comunidade seguiremos a aquilombar

Luedji Luna me apresentou em sua música a palavra muximba,

é coração em Iorubá

hoje vocês estão vendo a materialização disso

nós temos um coração fora do peito

e ele pode ser visto nas nossas roupas

que foram costuradas regadas a saudade,

a nostalgia,

ao desejo de se aproximar

de se conectar

de celebrar,

de se espelhar no trabalho,

de espalhar a cultura,

de não deixar a tradição da família morrer,

de manter viva essa técnica ancestral.

nossas mais velhas costuraram por

sobrevivência, criatividade, habilidade, curiosidade, necessidade.

minha mãe disse que minha tia estaria feliz de me ver costurando,
ela fazia as minhas roupas e agora seguirei podendo fazer o mesmo.
nós somos a continuação de um sonho.

Durante 7 meses estive semanalmente em território quilombola Tia Eva para fazer aula de costura no Projeto Niara, financiado por edital cultural, objetivando construir novas perspectivas de ancestralidade e futuro, articulado para ministrar aula de costura para pessoas negras. Durante o projeto tivemos aula de história negra, conhecemos os significados de símbolos africanos, estudamos a moda pela perspectiva negra, conhecemos estilistas e costureiras negras.

Construímos nossas roupas e estampamos manualmente com estampas que remetiam a história da tia Eva. Estar em uma comunidade quilombola urbana e ter contato com mulheres quilombolas foi uma experiência linda, a cada história e abraço me sentia mais conectada com minha ancestralidade, nos tornamos uma família e entendi ainda mais que o amor tem a cor de nossas peles. Além de aluna, pude participar do projeto como artista, participando em declamação de poesia e rodas de conversa.

Lembro das primeiras vezes que ouvi sobre quilombos nas aulas de história na escola, diziam ser um espaço físico em que escravizados e ex escravizados se reuniam para refugiar-se das violências coloniais. As imagens dos livros mostravam homens feridos, machucados de corpo e alma, com roupas rasgadas. Nascimento (2021) disserta que a partir dessas descrições cria-se o estereótipo dos negros como seres primitivos e malfeitores.

Veza ou outra falavam sobre a capoeira, mas somente como luta e não também como elemento cultural. Quais as comidas típicas costumavam comer? Quais histórias gostavam de compartilhar? Quais as histórias a história colonial não os permitiram contar? Só na faculdade entendi que não eram escravos, eram escravizados, condição de quem estava sendo e não como um resumo da sua existência. Quando conheci o quilombo por autores negros, pude finalmente entrar em contato com a historicidade a partir de outra perspectiva.

Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, sinônimo de comportamento do negro e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, de atitude a associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra. (Nascimento, 2021).

Objetivando construir uma coleção de roupas totalmente confeccionada e estampadas por pessoas negras e com elementos que remetem a história de Eva Maria de Jesus e o território quilombola na qual estávamos inseridos, o desfile da coleção Tia Eva corroborou para que a história quilombola fosse demonstrada por meio da vestimenta, demonstrando identidades negras e quilombolas na moda.

Em um movimento de aquilombamento, foi proposto uma moda identitária e antirracista. Por aquilombamento entende-se a dinâmica histórica, política e cultural que conserva e enaltece saberes ancestrais como forma de resistência e continuidade da cultura afro brasileira, perspectiva de futuro (Rimioli et al, 2023)

Como discorre Macedo e Maciel (2017) as expressões artísticas, religiosas e esportivas que ocorrem na comunidade se mostram como instrumentos de suma importância para a construção e negociação da identidade. A execução destas atividades culturais possibilita a promoção da cultura afrodescendente, destacando a diversidade cultural negra que compõem o estado de Mato Grosso do Sul.

No que tange o território quilombola tia Eva, Santos (2012) diz que durante a peregrinação até a capital Sul Matogrossense, tia Eva estava com uma ferida na perna de difícil cicatrização, por isso decidiu fazer uma promessa para São Benedito e caso fosse curada, construiria uma igreja para homenagear o milagreiro na qual se tornou devota, e assim foi feita a igrejinha de São Benedito.

No paralelo entre território, identidade e moda, a memória é um elemento que torna possível a tessitura de identidades, em que por meio da oralidade que compõe a história dos sujeitos, vai sendo constituída a identidade do grupo. (Santos, 2012). Como pontuado por Staliano e Santos (2020) há um movimento coletivo presente na moda, que para além da estética, abarca valores culturais e pode se manifestar como elemento unificador de grupos.

A moda não deve ser analisada de forma reducionista, especialmente no contexto de grupos subalternizados. Com isso, a moda se torna uma potente ferramenta de

comunicação e expressão para o povo negro, sobretudo para as mulheres negras, cujo vestir pode estar carregado de transformação e empoderamento. Ainda pela perspectiva das autoras, que objetivam promover um diálogo sobre a racialização da moda a partir de uma perspectiva psicossocial, compreende-se que a moda é um elemento que pode influenciar diretamente na construção da identidade. Tateando aproximações entre o sujeito e a sociedade (Staliano e Santos, 2020).

A partir disso, torna-se evidente pensarmos nas potentes contribuições a análise da moda e negritude a partir da ótica da Psicologia Social. Principalmente, pela perspectiva do Construcionismo Social, visto que a intersecção entre moda e Construcionismo pode oferecer um vasto campo para investigação de como o vestir influenciam e são influenciados pelas práticas sociais. Cabe a posteriores estudos explorar como a moda serve como ponte para a construção e expressão de identidades sociais.

Como pontuado, a memória é um importante apetrecho na construção e perpetuação da identidade. Portanto, se mostrou como uma manifestação da memória capaz de expressar a herança patrimonial que referência Tia Eva, contribuindo para o estabelecimento de vínculos e sentidos, situados em um contexto social. (Macedo e Maciel, 2017). Dessa forma, a presente experiência dialoga diretamente com os pressupostos da Psicologia Social

5.5 Uma mulher negra apaixonada por outra

No momento em que o black power me fez a encontrar na multidão
nossos nossos lábios carnudos se encostavam em uma dança ancestral,
o encontro teve Olodum de plano de fundo,
quando nos abraçamos numa esquina movimentada,
no momento em que o medo de sofrer bifobia e racismo
parecia pequeno diante da nossa coragem de bancar o afeto;
quando só nossas bolsas foram revistadas na entrada do bar
(cheio de brancos)
nada parecia tão grave perto dela, embora fosse

porque quando a gente se abraçava,
dividimos o peso de ser mulher negra no Brasil,
e quando demos as mãos, multiplicamos as forças.
com ela tudo soava familiar, não precisava de explicação.
nos momentos em que olhei atentamente para os detalhes do seu corpo,
e quando ela foi inspiração para minhas poesias:
uma mulher negra apaixonada por outra.
(Poema autoral -2022)

A primeira mulher que me fez perceber que gostava de mulheres tem a pele negra como a minha, o cabelo crespo como o meu, e a boca igualmente carnuda. Ela gostou das minhas tranças e eu do seu black power, nossos cabelos tão vestidos de ancestralidade nos aproximaram, nossos traços foram o mapa que nos levaram no caminho até nós. Mas uma história tão cheia de significado e significantes precisou ter uma pausa até que eu conseguisse bancar o meu desejo.

A minha escuta no interior de mim me fez sair do interior do estado para o (re)encontro na Capital, que foi palco para dias que eu não gostaria que terminassem, desde que ela estivesse segurando minha mão cada pequena atividade do nosso dia se tornava um momento incrível, e eu tão acostumada a me podar nos relacionamentos, me senti gigante, eu que costumava me esconder, me sentia vista.

Ela falava que gostava de segurar minha mão em público porque se sentia incrível, se nesses momentos fizessem um ultrassom, veriam que no meu estômago não tinha borboletas, estava mais para vagalumes, porque a paixão me faz brilhar, e essa assim que eu me sentia com ela. E apesar dos lugares estarem sempre cheios, é como se só existissem nós duas, o fato é que: eu poderia encontrá-la no meio da multidão até se estivesse de olhos fechados, meu coração iria guiar os passos.

Eu me via nela, que por vezes parecia uma versão mais corajosa de mim, mas também mais fechada, e eu tenho a bravura de ser vulnerável, vestir uma armadura não combina com alguém que já saiu até na Capricho como It Girl, prefiro meus looks de brechó. No fim das contas, acho que tem muita força na coragem de comunicar o que é e quer, ainda que a possibilidade de ser lida sem sensibilidade seja sempre uma possibilidade.

A minha pressa de me sentir confortável achou nela um motivo para se demorar, eu poderia ficar horas olhando naqueles olhos tão grandes e cheios de história, ela diz que os odeia por ser grande, e eu os adorava exatamente por isso. Eu bem sei que ser uma mulher negra no Brasil nos faz precisar vestir uma armadura, precisamos ser resistência, mas não é justo que resistamos ao afeto. Dito isso, Amaral e Camargo (2022) discorrem sobre mulheres lésbicas e bissexuais vivenciarem uma sexualidade transgressora, que se torna ainda mais política quando o relacionamento é entre mulheres negras.

O que nos interessa de fato são as vivências negras femininas homoafetivas. Sejam elas experimentadas por mulheres lésbicas ou bissexuais, trata-se de vivências desautorizadas, e, portanto, transgressoras, insubmissas. Vivências que, ao romper com os paradigmas hegemônicos, enunciam outro modo de existir. (Amaral e Camargo, 2022)

Dentre as várias temáticas que perpassam a literatura de Conceição Evaristo, a relação romântica entre mulheres negras, é retratada de forma poética, sensível e política. Como pode ser visto na citação abaixo:

Salinda olhou para o espelho. Sabia que ali encontraria a sua igual, bastava o gesto contemplativo de si mesma. E no lugar de sua face, viu a da outra. Do outro lado, como se verdade fosse, o nítido rosto da amiga surgiu para afirmar a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de dreads a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade. E a cada vez que uma mergulhava na outra, o suave encontro de suas fendas-mulheres engravidava as duas de prazer. E o que parecia pouco, muito se tornava. O que finito era, se eternizava. E um leve e fugaz beijo na face, sombra rasurada de uma asa amarela de borboleta, se tornava uma certeza, uma presença incrustada nos poros da pele e da memória (Evaristo, 2016, p. 57).

A partir disso, Amaral e Camargo (2022) apontam que os contos Evaristianos desafiam o cânone literário desafiando estereótipos ditados pelo falocentrismo, para ampliar as perspectivas de gênero, sexualidade e raça. Ao trazer à tona uma identidade demarcada por múltiplas opressões, cria direcionamentos que perpassam da invisibilidade para o protagonismo. As narrativas de Evaristo não apresentam somente novas formas de amar, mas valida um amor que é desautorizado historicamente: o amor entre mulheres negras. Amor que se faz como um ato de resistência, provendo rupturas no sistema racista e heterossexista. A escrita foi ferramenta crucial para me entender e acolher como mulher não hétero.

A narração sob a ótica de uma mulher negra, que ao experienciar o amor com outra mulher igualmente negra, reafirma seu direito de desfrutar desse amor, portanto, amar uma semelhante, é sobretudo, um ato de amor próprio. (Amaral e Camargo, 2023)

Valeska Zanello (2014) discorre sobre heterossexualidade compulsória, que se sustenta na crença de que mulheres naturalmente devam desejar homens. Portanto, ser uma mulher não hétero caracteriza uma vivência heterodestoante. A autora reitera a importância da interseccionalidade como ferramenta analítica para a compreensão dos sofrimentos políticos, e portanto, em qualquer intervenção ou construção epistemológica.

Para Hooks (2021) lidar com o amor romântico partindo do pressuposto do cuidado, respeito e sinceridade intensifica o afeto. E “Se o desamor é a ordem do dia no mundo contemporâneo, falar de amor pode ser revolucionário” (Silva, p.20, 2021)

Considerações Finais

Nesta dissertação exemplificamos a contribuição das Escrevivências para a saúde mental de mulheres negras, compreendendo que o fortalecimento psíquico também pode ser promovido a partir do coletivo, em um movimento de aquilombamento e resistência ao racismo. Para isso, é crucial exercitar uma perspectiva psicossocial atrelada a interseccionalidade, compreendendo os diversos elementos que estão envoltos nos afetos e violências que perpassam a vida de mulheres negras.

A escolha em utilizar a literatura negra e a Psicologia Social como grandes áreas norteadoras da pesquisa, é resultante da minha experiência enquanto profissional atuante em ambas as áreas, tornando todo o processo de escrita familiar. Mas para além disso, é uma tentativa de contribuir para os estudos raciais em Psicologia Social, alinhada ao anseio de enfatizar a importância da Escrevivência como uma ferramenta metodológica e analítica de produção de conhecimento, e saúde mental para mulheres negras. Como discorrido até então, a utilização dessa ferramenta literária vivencial tem muito a contribuir para a ciência psicológica.

Pensar na saúde mental da mulher negra a partir de uma perspectiva psicossocial por intermédio da literatura, é compreendida aqui não somente como forma de buscar

ferramentas para lidar com o racismo, mas também como recurso para a construção de letramento racial, identidade, elaboração de memórias e celebração de conquistas. As Escrevivências transcendem a função de denúncias, é uma ferramenta que expõe a diversidade de experiências negra. Nesse processo de autonomia das próprias narrativas, reivindica-se as nossas histórias enquanto legítimas em uma sociedade que historicamente silencia mulheres negras. Nisso, se possibilita o fortalecimento psíquico.

Me debruçar na auto etnografia enquanto ferramenta metodológica, é um ato de afirmação. Utilizo da minha trajetória como ferramenta investigativa e de diálogo, referenciando a ancestralidade, a coletividade e promovendo a representatividade negra na academia. Além disso, tenho rompido com o modelo tradicional de pesquisa, que frequentemente se apoia na falsa premissa de que é necessário o afastamento do sujeito e objeto de pesquisa. Aqui, não reforçamos a falácia de uma ciência neutra, o fazer científico é racializado, engendrado e politizado.

Delineei a pesquisa objetivando descolonizar as epistemologias, me apoiando principalmente em autoras negras da América latina, sobretudo, as brasileiras. Meu caminho metodológico não se restringe apenas a um recorte teórico, é, principalmente, um movimento de resistência, um posicionamento político e epistemológico que reconhece os saberes de mulheres negras como cruciais para a compreensão das experiências humanas, e portanto, necessárias dentro da academia.

Juntamente com meu repertório como artista e militante do movimento negro, utilizei da minha inserção no Programa de Mestrado para contribuir para a circulação do conhecimento sobre literatura negra e Psicologia. Com isso, participei de diversas palestras, aulas, rodas de conversa e performances poéticas sobre negritude e literatura. Inclusive, produzindo e conduzindo a primeira roda de conversa sobre Escrevivência em Campo Grande, MS.

É fato que nenhum título, experiência, afeto, conhecimento ou reconhecimento me eximirá de sofrer racismo, ainda assim, o letramento racial e a escrita me dão suporte para lidar com a violência racial. Recentemente, ouvi de uma mulher branca, o que a sociedade, tão incisivamente insiste em me mostrar, ora de forma velada, ora de forma completamente explícita. Aos gritos, me dizia que eu não deveria ocupar o mesmo espaço que ela, não poderia usar a sala, sentar na cadeira, tampouco usar a mesma mesa, já que

se sumisse algo, teria que me investigar. A partir de tal situação, me derramei em lágrimas e palavras, a escrita foi crucial no processo de acolhimento e enfrentamento ao racismo.

Imersa em uma sociedade que frequentemente insiste em desumanizar mulheres negras, essa pesquisa busca fazer um movimento contrário, trazendo registros que nos distanciam dos estereótipos de agressivas, violentas e exacerbadamente fortes, construídas dentro de uma lógica que nos oprime. Enquanto terminava a dissertação, recebi a notícia de que um livro meu, que terminei de escrever durante o processo de pesquisa, foi selecionado para ser publicado por uma editora referência. Meu livro fala sobre o amor, em alguma medida minha dissertação também. Com Conceição Evaristo e Bell Hooks entendi que é possível ser uma intelectual negra que fala sobre o amor. Agradeço também aos meus pais, que sempre foram ótimos professores da arte de amar, tenho coragem para existir e lutar porque sempre soube que sou amada.

Certa vez, ouvi Conceição Evaristo dizer que escrever é uma sangria desatada, a mesma medida que é a ferramenta que utiliza para zelar pela estabilidade emocional, e conseqüentemente, cuidar da saúde mental. Parto do mesmo pressuposto. Ser escritora exige que eu esteja constantemente frente a frente com minhas dores e desafetos. Ao mesmo tempo que é a ferramenta que recorro como auto suporte. A escrita para mim é necessidade: me vejo, acolho, fortaleço e me permito existir para além das caixinhas e estereótipos atribuídos às mulheres negras.

Como em vários outros momentos, a escrita foi ferramenta para tentar estancar a ferida aberta que a violência racial me causa. Houve uma série de vivências e violências experienciadas durante o processo de pós graduação que me fizeram ver ainda mais sentido e necessidade nessa pesquisa. É algo visceral, poético e político. A escrita percorre um corpo que, embora frequentemente marginalizado, resiste, ama e prospera. Contudo, ainda que a escrita seja um espaço de acolhimento e fortalecimento, apostar somente nela não é o suficiente para garantir o bem estar psíquico, visto que o racismo segue sendo um fator de adoecimento constante.

Dessa forma, para que se pense e produza saúde mental de mulheres negras, é necessário o envolvimento de redes de apoio, políticas públicas e criação de estratégias coletivas de enfrentamento ao racismo. A escrita é um dos caminhos possíveis para a

produção e preservação da saúde mental, mas precisa estar alinhada a outros fatores que produzem cuidado e reaja ao que produz sofrimento social. Espero que essa dissertação seja mais um passo em direção à uma sociedade menos violenta conosco.

Sigamos!

Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Karla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén, 2019.

ALVES, J. B. B. B. Cuidado e racialização em um centro de atenção psicossocial infância-adolescência: uma análise da psicologia social construcionista. 2024. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ANZALDUA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

AZEVEDO, Bruna Jardim Saldanha de; JAGUN, Márcio de. Aquilombamento como modo de existência: diálogos entre Brasil e África. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 13, n. 2, 2023.

BAQUERO, Rute Vivian. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 173-187, jan.-abr. 2012.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

BICUDO, Virgínia Leone. *Estudos de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. 1945. Dissertação (Mestrado em Ciência) – Escola Livre de Sociologia e Política de São

Paulo (FESPSP), São Paulo.

BISPO, Silvana Santos. (Re)existências a partir das escrevivência/s e aquilombamento/s: rompendo estereótipos e imagens de controle em torno das mulheres negras. In: **V SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO**, 22-25 nov. 2021.

BORGES, Rosane. Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações de Goya Lopes. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

CARVALHO, Rafael Manfrinatto de; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Catando coisas com Carolina Maria de Jesus: autoetnografia no *Quarto de despejo*. *Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão-SE, v. 39, n. 1, p. 65–80, 2023.

CASTRO, Eliane Dias de; LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Resistência, inovação e clínica no pensar e no agir de Nise da Silveira. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 11, n. 22, p. 365–376, maio 2007.

COZBY, Paul. *Métodos de pesquisa em ciência do comportamento*. São Paulo: Atlas, 2013.

CURADO, Jacy Correa; SPINK, Mary Jane. Multiplicidade de “pobrezas” nas políticas públicas contemporâneas: contribuições do Construcionismo Social e da teoria ator-rede (tar)! *Editora Unilasalle*, n. 27, dez. 2014, Canoas.

DJU, Antonio de Oliveira.; MURARO, Darcísio Natal. Ubuntu como modo de vida: contribuição da filosofia africana para pensar a democracia. *Trans/Form/Ação*, v. 45, n. spe, p. 239–264, 2022.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações*, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2005.

DORNELES, Dandara Rodrigues; MEINERZ, Carla Beatriz; ROSA, Russel Teresinha Dutra da. Escrivivência: sentidos na obra evaristiana e modos de viver a pesquisa em educação. PerCursos, Florianópolis, v. 25, e0105, 2024.

EVARISTO, Conceição. A gente combinamos de não morrer. In: _____. Olhos d'Água. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Florianópolis: Mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: "Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio". [Entrevista concedida a Carta Capital]. Carta Capital. São Paulo, 13 mai. 2017.

EVARISTO, Conceição. Da graia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Maza Edições, p. 21, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto representação da mulher negra na literatura brasileira. Revista Palmares, set. 2005.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa, PB: Ideia/UFPB, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, v.13, n.25, p.17-31, 17 dez. 2009.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2010, p. 132-142.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Maza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constacia Lima; NUNES, Isabella Rosendo (Org.). Escrivivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Maria Clara dos Santos. Frantz Fanon e as máscaras brancas da saúde mental: subsídios para uma abordagem psicossocial. Revista da ABPN, v. 12, n. Ed. Especial, Caderno Temático: "III ANPSINEP - Articulação Nacional de Psicólogas/os Negras/os e Pesquisadoras/es", p. 6-26, out. 2020.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERRAZ, Fabiane Barbosa.; SIMIONI, Rafael Lazzarotto. Tradução das teorias raciais no contexto brasileiro. Revista Katálysis, v. 25, n. 2, p. 181–190, maio 2022.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas - uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2009. v. 3.

GESSER, Roselita; COSTA, Cleber Lázaro Julião. Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. Rev. bras. psicodrama, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 18-30, jun. 2018.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. A palavra da rua: o conceito de literatura na poesia de Sérgio Vaz no contexto de literatura periférica. RD, v. 8, n. 15, ano 7, 2020. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas (PPGL-UFAM).

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Ética e paradigmas na psicologia social: Identidade, subjetividade, alteridade e ética. In: PLONER, K. S., et al., org. Ética e paradigmas na psicologia social [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 59-71.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. Pesquisa em psicologia social: de onde viemos e para onde vamos. In: RIVERO, N. E. E., org. Psicologia social: estratégias, políticas e implicações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

BAUER, M. W.; JOVCHELOVITH, S.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 90-113.

GERRGEN, Kenneth. J.; GERGEN, Mary. Construcionismo social: um convite ao diálogo. Rio de Janeiro: Instituto NOOS, 2010.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. A palavra da rua: o conceito de literatura na poesia de Sérgio Vaz no contexto de literatura periférica. RD, v. 8, n. 15, ano 7, 2020. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas (PPGL-UFAM).

GROSFOGUEL, Ramón. Para Descolonizar os Estudos de Economia Política e os Estudos Pós-Coloniais: Transmodernidade, Pensamento de Fronteira e Colonialidade Global. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. Coimbra, 2009.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima et al. As relações raciais na construção das identidades. Psicologia em Estudo, v. 7, n. 2, p. 55-64, jul. 2002.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOOKS, Bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 83-104.

HOOKS, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KÖTTIG, M.; VÖLTER, B. “Isso, sim, é ser sociólogo!”: Uma entrevista narrativa com Fritz Schütze sobre a história de sua obra na sociologia. Civitas - Revista de Ciências Sociais, v. 14, n. 2, p. 204-226, maio 2014.

LAGO, Mara Coelho de Souza; MONTIBELER, Débora Pinheiro Da Silva; MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. Pardismo, Colorismo e a “Mulher Brasileira”: produção da identidade racial de mulheres negras de pele clara. Revista Estudos Feministas, v. 31, n. 2, 2023.

LANE, Silvia T. Maurer. O que é psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEÃO, Ryane. Jamais peço desculpas por me derramar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

LIEBIG, Sueli Meira. "Escrevivências": Evaristo e a subversão de gênero em Insubmissas lágrimas de mulheres. In: Anais XII CONAGES - Colóquio Nacional Representação de Gêneros e de Sexualidades. Campina Grande, 2016.

MACHADO, Myleide Meneses Oliveira; MACIEL, Josimar de Campos. Territorialidade e biografia: ao redor de Tia Eva. Fronteiras: Revista de História, v. 19, n. 33, p. 147-169, jan./jun. 2017.

MACEDO, João Paulo; DIMENSTEIN, Magda. Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. Mental, Barbacena, v. 7, n. 12, p. 153-166, jun. 2009.

MEDRADO, Ana Carolina Cerqueira; JESUS, Mônica Lima de. "Ainda assim me levanto": as narrativas históricas e a construção do eu feminino. Estud. pesqui. psicol., v. 18, n. 4, 2018.

MENEZES, Daniele et al. Das impossibilidades do racismo etnosemântico à fala como saída. Arq. bras. psicol., Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 124-138, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras. In: RATTTS, Alex (Org.). Zahar, Rio de Janeiro, 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. O quilombismo – documentos de uma militância panafricanista. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1980.

NASCIUTTI, Luiza Freire; SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. *Mana*, v. 28, n. 3, p. e2831500, 2022.

NAVASCONI, Paulo Vitor Palma; MOSCHETA, Murilo Dos Santos. Contribuições de Virgínia Leone Bicudo e Neusa Santos Souza para uma Psicologia brasileira antirracista. *Psicologia & Sociedade*, v. 35, p. e276753, 2023.

NEVES, Gabriela da Silva; HECKERT, Ana Lucia Coelho. Escrivivência: uma ferramenta analítica de análise. *Mnemosine*, v. 17, n. 1, p. 139-162, 2021.

NEIVA, Maria Luísa Cardoso de Souza; DIAS, Juliana de Freitas. A escrevivência como um processo de libertação e de reescrita da vida. *SUL SUL: Revista de Ciências Humanas e Sociais*, 2023.

NOGUEIRA, Conceição. *Interseccionalidade e Psicologia Feminista*. Salvador: Devires, 2017.

NOGUEIRA, Conceição. Contribuições do Construcionismo Social a uma nova Psicologia do gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 112, março/2001.

NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães et al. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Pesqui. prá. psicossociais*, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 466-485, ago. 2017.

OLIVEIRA, Nathália Marques; SATRIANO, Cecília Raquel. Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatórias. *Linhas Críticas*, v. 20, n. 42, p. 257-282, Brasília, DF, mai./ago. 2014.

PEREIRA, Leticia Passos et al. Entrevista narrativa com pessoas em situação de rua com transtornos mentais: relato de experiência. *Escola Anna Nery*, v. 25, n. 3, 2021.

PRESTES, Clélia R. S.; PAIVA, Vera S. F. Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência. *Saúde e Sociedade*, v. 25, n. 3, 2016.

QUEIROZ, Verônica Santana. Quando se fecha os olhos e vê: por uma metodologia afetiva. *Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 507-516, jul.-set. 2022.

QUIJANO, Aníbal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. *Perspectivas latino-americanas*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, 2005.

QUIJANO, Aníbal. “‘Raza’, ‘Etnia’ y ‘Nación’ en Mariátegui: Cuestiones Abiertas”. In: MORGUES, Roland (Org.). *José Carlos Mariátegui y Europa: el Otro Aspecto del Descubrimiento*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1993. p. 167-187.

RATTS, Alex. Entre os corpos humanos e celestes: onde ela se sente bem? In: RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (Orgs.). *Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Editora Ogum's Toques Negros, 2015. p. 116-131.

RODRIGUES, Aline Tavares de Souza. Interseccionalidade e escrevivência: diálogos possíveis entre deficiência e raça. *Ensino, Saúde e Ambiente*, Niterói, v. 17, e60188, 2024.

RIMOLI, T. M.; SANTOS, A. P. M. B.; PIRES, L. J. A.; MENDES, E. C. Aquilombamento como ferramenta de resistência e promoção de saúde da população negra. *Revista de Saúde Coletiva da UEFES*, v. 13, n. 2, e9284, 2023.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala? Coleção Feminismos plurais*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, Aline Tavares de Souza. Interseccionalidade e escrevivência: diálogos possíveis entre deficiência e raça. *Ensino, Saúde e Ambiente*, Niterói, v. 17, e60188, 2024.

ROCHA, Wesley Henrique Alves da. Reflexões sobre a condição social da mulher negra, dos corpos negros e/ou dissidentes a partir do conto *Maria*, de Conceição Evaristo. In:

ROCHA, Wesley Henrique Alves da (Org.). Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios. Curitiba, PR: Editora Bagai, 2021.

SILVA, Leonardo da; FARIAS, Priscilla Fabiane. A literatura de mulheres negras como direito humano: reflexões sobre um desenvolvimento da consciência crítica no contexto de um projeto de extensão para mulheres em privação de liberdade. Trabalho em Linguística Aplicada, v. 60, n. 1, p. 126-140, jan. 2021.

SILVA, Carolina Dias de Oliveira. Narrativa em Primeira Pessoa na Prática Performativa de Mulheres Marginalizadas e Produção de Conhecimento Decolonial. Revista Brasileira de Estudos da Presença, v. 11, n. 1, p. e94925, 2021.

SILVA, Renata Ferreira da; LIMA, Thamires. Quem tem medo de si? Percursos metodológicos para uma escrevivência na produção científica. Revista Digital do LAV–Santa Maria, v. 15, e23, p. 1-20, jan./dez. 2022.

SANTOS, Carlos Alexandre B. Plínio dos; JESUS, Eva Maria de. Memórias de uma comunidade negra. Anuário Antropológico, Brasília: UnB, v. 37, n. 1, p. 155-181, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, jul./dez. 1995.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.

SOUTO, Stéfane. Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. Revista Metamorfose, v. 4, n. 4, p. 133-144, jun. 2020.

SPINK, Mary Jane. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

SPINK, Mary Jane; CORDEIRO, Mariana Priolo; BRIGAGÃO, Jaqueline. Práticas discursivas: uma estratégia construcionista de análise do discurso. In: GUIMARÃES, G. D. T.; PAULA, M. C. (Orgs.). Análise de Conteúdo e Análise de Discurso: Reflexões

Teórico-Metodológicas em diferentes vertentes. São Paulo: Alexa Cultural; Manaus: Edua, 2022. p. 137-147.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 135 p.

TORRES, José Fernando Patiño (Org.). Estudos da subjetividade: uma aproximação interdisciplinar. Palmas: EDUFT, 2020.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Therezinha Henn. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. Revista Estudos Feministas, v. 27, n. 3, p. e54025, 2019.

ZUBARAN, Maria Angélica; WORTMANN, Maria Angélica; KIRCHOFF, Edgar Roberto. Stuart Hall e as questões étnico-raciais no Brasil: Cultura, representações e identidades. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 2016.